



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
10º LEVANTAMENTO

JULHO 2024

**VOLUME 11
NÚMERO**

10

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Sílvio Isoppo Porto (Interino)

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Coughlan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Amir Haddad (estagiário)
Candice Mello Romero Santos
Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriel Da Costa Farias (estagiário)
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Séfora Silvério (Suinf), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

André Araújo (AC); Antônio de Araújo Lima Filho, Lourival Barbosa de Magalhães, Adriano Jorge Nunes dos Santos e Ilo Aranha Fonseca (AI); Érica Alfaia Marialva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz (AM); Ednabel Caracas Lima, Francisco dos Reis Lopes Neto, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro e Orfrezino Pereira Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, José Iranildo da Silva Araújo, Lindeberg da Silva Magalhães e Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Sírio José da Silva Júnior e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Airton Santos de Azevedo, Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento Humberto Menezes Souza Filho, Margareth de Cássia Oliveira Aquino e Rogério Prazeres (MA); Benancil Martins Filho, Gabriel Pedrozo Heise, Ismael Cavalcante Maciel Junior, Jorge Luis Cunha, Rodrigo Martinelli Slomoszynski, Raul Pio de Azevedo e Rogério de Souza Silva (MT); Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira, Marcelo de Oliveira Calisto e Edson Yui (MS); Alessandro Lúcio Marques, Benedito Castro de Sousa, Flávio José Goulart, Gabriel Moraes Costa, Hélio Maurício Rezende, Márcio Carlos Magno, Matheus Carneiro de Souza, Pedro Pinheiro Soares, Samuel Valente Ferreira e Warlen Maldonado (MG); Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Renato Martins da Silva e Sérgio Alberto Queiroz Costa (PA); Ana Paula Alves Cordeiro, Arthur Ramon de Andrade Rodrigues, Bruno Eduardo Dias Oliveira e Matheus Rodrigues de Sousa (PB); Adilson Valnier, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Charles Erig Daniela Furtado de Freitas, Itamar Pires de Lima Júnior e Jefferson Raspante (PR); Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marculino da Silva, Rafael Silva de Lima, Rinaldo de Souza e Thiago Nery da Cunha (PE); Antônio Cleiton da Silva, Bábiton Leone de Oliveira Herculano, Simone do Nascimento Luz, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Fernando Henrique Vidal Lage, Lireda Bezerra e Rafael Vagner Machado (RN); Alexandre Rocha Pinto, Carlos Roberto Bestetti, Iure Rabassa Martins, Luciana Dall’Agnese, Márcio Renan Weber Schorr, Matias José Führ (RS); João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro e Raimundo Junil Marques Ribeiro (RO); César Augusto Rubin, Júlio César de Oliveira, Ricardo Agostini Paschoal, Vilmar Barboza Dutra e Wagner Fernandes de Aquino (SC); Cláudio Lobo, Elias Tadeu, Marisete Belloli e Rubens Praude (SP); Flaviano Gomes dos Santos, José Bomfim Oliveira Santos Júnior e José de Almeida Lima Neto (SE); Felipe Thomaz de Souza Carvalho, Bruno Milhomem e Jorge Antônio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-CE); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Instituto de Economia Agrícola (IEA-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PRO); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
10º LEVANTAMENTO

Copyright © 2024– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 11, safra 2023/24, n. 10 décimo levantamento, julho 2024.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
15	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
26	ANÁLISE DAS CULTURAS
26	ALGODÃO
37	ARROZ
44	FEIJÃO
68	MILHO
85	SOJA
92	TRIGO
103	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
114	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

Com a produção atual estimada em 299,27 milhões de toneladas, 6,4% ou 20,54 milhões de toneladas abaixo da colhida na safra 2022/23, é a segunda maior safra já colhida no país. A pesquisa de campo, realizada em final de junho, indica uma variação positiva de 0,6% ou 1,72 milhão de toneladas em relação à pesquisa do mês anterior. Tal acréscimo se deve ao avanço da colheita das principais culturas, indicando recuperação na produção, sobretudo no milho segunda safra, gergelim e arroz. Por outro lado, houve redução no milho primeira safra, feijão, trigo, algodão e soja.

A quebra observada na safra em relação ao ciclo de 2023 se deve, sobretudo, à atuação da forte intensidade do fenômeno El Niño, que em 2023 teve influência negativa no comportamento climático, desde o início do plantio até às fases de reprodução das lavouras de primeira safra, nas principais regiões produtoras do país.

A área cultivada no país, com os produtos analisados, apresenta crescimento de 1,5%, correspondendo a 1,21 milhão de hectares superior à da safra passada. Os maiores crescimentos são observados na soja, com 1,94 milhão de hectares, seguido do gergelim, algodão, sorgo, feijão e arroz. Já o milho total teve redução de 1,41 milhão de hectares, seguido do trigo e das demais cultura de inverno.

Em início de julho, as culturas de primeira safra estavam praticamente colhidas, faltando colher 6,4% do milho primeira safra. Nas de segunda safra, para o milho, principal cultura, a colheita atingia 47,9% e 46,2% em maturação, o algodão, com a colheita atingindo 9,5%, prevalecia a fase de maturação. A terceira safra, juntamente com as culturas de inverno, encontravam-se desde a semeadura ao início de colheita, no caso do feijão.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

de produtividade reduzido devido à incidência de doenças e da praga mosca-branca. A colheita se encontra na fase final, com as lavouras a colher, predominando a fase de maturação, e a terceira safra, estimada em 788,6 mil toneladas, com as lavouras, de modo geral, nos estágios de desenvolvimento à maturação, e em Goiás, em fase inicial de colheita.

as altas temperaturas, situações que causaram replantios e perdas de produtividade, no entanto, as lavouras mais tardias conseguiram expressar melhor o potencial produtivo.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2022/23 e 2023/24					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.663,7	1.944,7	16,9	2.721	2.667	(2,0)	4.526,7	5.187,4	14,6
ALGODÃO - PLUMA	1.663,7	1.944,7	16,9	1.907	1.870	(2,0)	3.173,3	3.636,2	14,6
AMENDOIM TOTAL	220,9	255,4	15,6	4.041	2.872	(28,9)	892,8	733,6	(17,8)
Amendoim 1ª Safra	213,8	248,2	16,1	4.120	2.908	(29,4)	880,9	721,7	(18,1)
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,2	1,4	1.669	1.644	(1,5)	11,9	11,9	-
ARROZ	1.479,6	1.606,8	8,6	6.780	6.588	(2,8)	10.031,8	10.586,3	5,5
Arroz sequeiro	303,5	325,6	7,3	2.557	2.598	1,6	775,9	845,9	9,0
Arroz irrigado	1.176,1	1.281,2	8,9	7.870	7.602	(3,4)	9.255,9	9.740,4	5,2
FEIJÃO TOTAL	2.699,5	2.857,8	5,9	1.125	1.143	1,7	3.036,7	3.267,6	7,6
FEIJÃO 1ª SAFRA	857,3	861,1	0,4	1.116	1.094	(2,0)	956,7	942,2	(1,5)
Cores	344,6	343,1	(0,4)	1.699	1.665	(2,0)	585,5	571,3	(2,4)
Preto	133,4	124,7	(6,5)	1.646	1.492	(9,3)	219,6	186,1	(15,3)
Caupi	379,3	393,3	3,7	400	470	17,6	151,7	184,9	21,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.326,2	1.511,8	14,0	962	1.017	5,7	1.275,8	1.537,0	20,5
Cores	351,2	352,5	0,4	1.644	1.465	(10,9)	577,5	516,4	(10,6)
Preto	202,4	340,6	68,3	1.642	1.568	(4,5)	332,3	534,0	60,7
Caupi	772,6	818,7	6,0	474	594	25,5	365,9	486,7	33,0
FEIJÃO 3ª SAFRA	516,0	484,9	(6,0)	1.559	1.626	4,3	804,4	788,6	(2,0)
Cores	443,6	409,3	(7,7)	1.697	1.817	7,1	752,7	743,6	(1,2)
Preto	14,4	14,5	0,7	1.015	792	(22,0)	14,6	11,6	(20,5)
Caupi	58,0	61,1	5,3	638	549	(14,0)	37,0	33,5	(9,5)
GERGELIM	361,2	656,0	81,6	482	506	5,0	174,2	332,1	90,6
GIRASSOL	56,1	59,7	6,4	1.520	1.453	(4,4)	85,2	86,8	1,9
MAMONA	51,2	58,7	14,6	1.787	1.486	(16,8)	91,5	87,3	(4,6)
MILHO TOTAL	22.269,2	20.862,8	(6,3)	5.923	5.553	(6,2)	131.892,6	115.858,9	(12,2)
Milho 1ª Safra	4.444,0	4.006,0	(9,9)	6.160	5.852	(5,0)	27.373,2	23.442,5	(14,4)
Milho 2ª Safra	17.192,7	16.199,0	(5,8)	5.954	5.556	(6,7)	102.365,1	90.007,4	(12,1)
Milho 3ª Safra	632,5	657,8	4,0	3.406	3.663	7,5	2.154,4	2.409,2	11,8
SOJA	44.080,1	46.020,2	4,4	3.507	3.202	(8,7)	154.609,5	147.336,6	(4,7)
SORGO	1.417,6	1.587,4	12,0	3.378	3.151	(6,7)	4.788,7	5.001,3	4,4
SUBTOTAL	74.299,1	75.909,5	2,2	4.174	3.800	(9,0)	310.129,7	288.477,9	(7,0)
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	520,1	497,6	(4,3)	1.892	2.221	17,4	984,1	1.105,1	12,3
CANOLA	92,1	131,1	42,3	1.591	1.469	(7,7)	146,5	192,6	31,5
CENTEIO	4,5	3,7	(17,8)	1.644	2.162	31,5	7,4	8,0	8,1
CEVADA	134,5	124,5	(7,4)	2.907	3.802	30,8	391,0	473,4	21,1
TRIGO	3.473,4	3.069,9	(11,6)	2.331	2.917	25,1	8.096,8	8.955,8	10,6
TRITICALE	22,9	18,1	(21,0)	2.454	2.989	21,8	56,2	54,1	(3,7)
SUBTOTAL	4.247,5	3.844,9	(9,5)	2.279	2.806	23,1	9.682,0	10.789,0	11,4
BRASIL (2)	78.546,6	79.754,4	1,5	4.072	3.752	(7,9)	319.811,7	299.266,9	(6,4)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2024.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2022/23 e 2023/24		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4.791,3	5.388,9	12,5	3.500	3.510	0,3	16.768,0	18.914,7	12,8
RR	146,7	165,9	13,1	3.389	3.465	2,2	497,1	574,8	15,6
RO	947,8	1.028,9	8,6	3.965	4.038	1,8	3.757,6	4.154,2	10,6
AC	63,9	65,3	2,2	3.003	2.977	(0,9)	191,9	194,4	1,3
AM	19,8	34,2	72,7	2.783	3.012	8,2	55,1	103,0	86,9
AP	12,4	11,6	(6,5)	1.968	2.000	1,6	24,4	23,2	(4,9)
PA	1.587,4	1.896,6	19,5	2.916	3.259	11,7	4.629,0	6.180,3	33,5
TO	2.013,3	2.186,4	8,6	3.781	3.515	(7,0)	7.612,9	7.684,8	0,9
NORDESTE	9.528,5	9.735,9	2,2	3.114	2.925	(6,1)	29.673,0	28.479,7	(4,0)
MA	1.900,0	2.062,1	8,5	3.875	3.616	(6,7)	7.361,8	7.457,1	1,3
PI	1.925,6	1.890,2	(1,8)	3.531	3.316	(6,1)	6.799,7	6.267,8	(7,8)
CE	954,4	971,5	1,8	488	873	79,1	465,4	848,3	82,3
RN	99,0	113,0	14,1	566	473	(16,3)	56,0	53,5	(4,5)
PB	219,3	224,0	2,1	696	588	(15,5)	152,6	131,7	(13,7)
PE	387,0	376,0	(2,8)	773	867	12,2	299,2	326,1	9,0
AL	96,7	99,0	2,4	2.041	2.231	9,3	197,4	220,9	11,9
SE	189,2	190,2	0,5	4.963	5.140	3,6	939,0	977,6	4,1
BA	3.757,3	3.809,9	1,4	3.567	3.201	(10,2)	13.401,9	12.196,7	(9,0)
CENTRO-OESTE	34.812,1	35.388,4	1,7	4.667	4.049	(13,3)	162.468,4	143.273,6	(11,8)
MT	21.210,6	21.685,7	2,2	4.761	4.222	(11,3)	100.980,2	91.551,7	(9,3)
MS	6.320,4	6.335,5	0,2	4.438	3.315	(25,3)	28.050,4	21.004,6	(25,1)
GO	7.102,6	7.187,9	1,2	4.593	4.162	(9,4)	32.619,1	29.915,2	(8,3)
DF	178,5	179,3	0,4	4.587	4.474	(2,5)	818,7	802,1	(2,0)
SUDESTE	6.987,2	6.975,7	(0,2)	4.328	3.698	(14,6)	30.238,4	25.793,9	(14,7)
MG	4.342,9	4.322,8	(0,5)	4.306	3.874	(10,0)	18.702,4	16.745,0	(10,5)
ES	24,3	22,8	(6,2)	2.477	2.408	(2,8)	60,2	54,9	(8,8)
RJ	3,2	2,7	(15,6)	3.313	3.296	(0,5)	10,6	8,9	(16,0)
SP	2.616,8	2.627,4	0,4	4.381	3.420	(21,9)	11.465,2	8.985,1	(21,6)
SUL	22.427,5	22.265,5	(0,7)	3.597	3.719	3,4	80.663,9	82.805,0	2,7
PR	10.744,9	10.434,1	(2,9)	4.285	3.708	(13,5)	46.037,2	38.688,1	(16,0)
SC	1.383,9	1.424,5	2,9	5.091	4.922	(3,3)	7.045,7	7.011,6	(0,5)
RS	10.298,7	10.406,9	1,1	2.678	3.565	33,1	27.581,0	37.105,3	34,5
NORTE/NORDESTE	14.319,8	15.124,8	5,6	3.243	3.134	(3,4)	46.441,0	47.394,4	2,1
CENTRO-SUL	64.226,8	64.629,6	0,6	4.256	3.897	(8,4)	273.370,7	251.872,5	(7,9)
BRASIL	78.546,6	79.754,4	1,5	4.072	3.752	(7,8)	319.811,7	299.266,9	(6,4)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2024.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta o décimo levantamento da safra 2023/24. Neste momento, a colheita da segunda safra avança, sobretudo a do milho. As culturas de inverno ainda não tiveram sua semeadura concluída, em especial, a do trigo, apesar de já constar a colheita em áreas do Centro-Oeste.

Parte das lavouras de terceira safra e as culturas de inverno, em que o plantio ainda não está concluído, a Conab utiliza estimativas geradas por modelos estatísticos, analisadas com base em previsões climáticas, pacotes tecnológicos, características e época de cultivo.

As estimativas refletem a expectativa de produção do mês anterior à publicação do boletim, considerando as condições climáticas ocorridas e previstas até o fim do cultivo. Dessa forma, os números podem ser alterados em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas

as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direto nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos, situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela

sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>.

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em [https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos / monitoramento-agricola](https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola) e do Progreso de Safra, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progreso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE JUNHO

Em junho de 2024, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm no Extremo-Norte e Sul do país, bem como na costa leste do Nordeste. Nestas áreas, as chuvas foram suficientes para manter a umidade do solo elevada. Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, além do interior da Região Nordeste, os volumes foram inferiores a 50 mm, diminuindo os níveis de água no solo.

No norte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 300 mm, principalmente, em Roraima e Amapá. Os menores volumes de chuvas foram observados no sul do Pará e do Amazonas, além do leste do Acre. Em Tocantins e Rondônia não houve registro de chuva. De modo geral, os níveis de armazenamento hídrico do solo se encontram elevados na região, exceto em áreas do sudeste do Pará e em Tocantins, onde os níveis de umidade estão baixos.

Na Região Nordeste, os maiores volumes de chuva foram observados no noroeste do Maranhão, bem como na parte costeira da região, desde o Rio

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

Grande do Norte até à Bahia, com valores superiores a 200 mm, contribuindo para a manutenção da umidade no solo e o desenvolvimento das lavouras de feijão e milho terceira safras. No interior do Nordeste e Matopiba, os volumes de chuva foram inferiores a 50 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo e desfavorecendo lavouras de milho segunda safra em estágio reprodutivo.

Em grande parte da Região Centro-Oeste houve o predomínio de tempo seco, sem registro de chuvas. Chuvas fracas foram observadas no sul de Mato Grosso do Sul e norte de Mato Grosso. Esta redução das chuvas na região mostra o início da estação seca e, desta forma, vem reduzindo os níveis de umidade no solo em todos os estados, principalmente em Goiás. Estas condições prejudicaram as lavouras de milho segunda safra em estágios reprodutivos, entretanto favoreceram a maturação e o processo de colheita do algodão e do milho segunda safra.

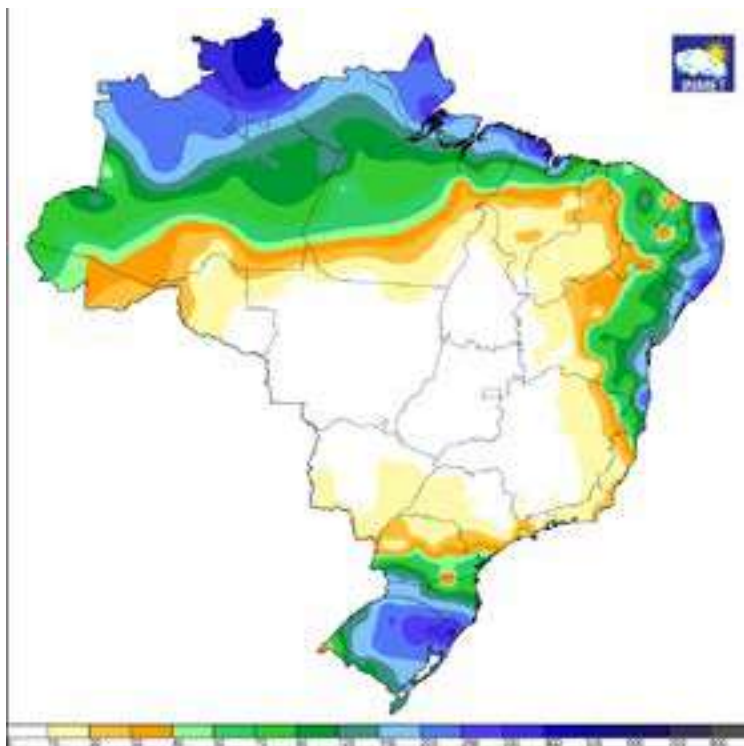
Na maior parte da Região Sudeste, foram observados acumulados de chuva abaixo de 50 mm, exceto em áreas pontuais do leste de São Paulo, onde as chuvas ultrapassaram os 40 mm. No geral, houve uma redução da umidade do solo na região em relação ao mês passado, principalmente em localidades do noroeste de Minas Gerais, desfavorecendo o desenvolvimento das lavouras de milho segunda safra em estágios reprodutivos.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm no oeste e sul de Santa Catarina e grande parte do Rio Grande do Sul. Volumes maiores que 300 mm foram observados no nordeste do Rio Grande do Sul. No entanto, no centro-norte do Paraná, os volumes foram menores que 40 mm. Em geral, os níveis de água no solo permaneceram elevados em boa parte da região, exceto em áreas do oeste, noroeste e norte do Paraná, onde os níveis de armazenamento hídrico do solo se encontram mais baixos em relação às demais áreas, impactando lavouras de milho segunda safra e trigo.

Em junho, as temperaturas máximas foram superiores a 30 °C na parte Centro-Norte do país. Destaques para áreas localizadas em Tocantins, Rondônia, sul do Amazonas, do Pará, do Maranhão e do Piauí, além do norte do Mato Grosso, onde as máximas ultrapassaram os 35 °C. No sul do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as temperaturas foram inferiores a 24 °C.

Quanto às temperaturas mínimas, foram superiores a 20 °C nas Regiões Norte e Nordeste. Em localidades das regiões Centro-Oeste, Sudeste e interior do Nordeste, foram registradas temperaturas entre 14 °C e 18 °C. Em áreas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas mínimas foram inferiores a 14 °C. Em localidades de maior altitude na Região Sul, houve registros de temperaturas abaixo de zero e geadas fortes no dia 30 de junho, como foi o caso de São Joaquim (SC), que registrou temperatura mínima de -5,5 °C e São José dos Ausentes (RS), com 4,5 °C.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM JUNHO DE 2024



Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo, é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 30 de junho de 2024. Foram observados valores de anomalias entre 1°C e -2°C em toda a faixa do Pacífico Equatorial. Considerando somente a região do Niño 3.4 (área entre 170°W e 120°W), as anomalias médias positivas de TSM têm apresentado um decréscimo acentuado desde o início de abril, indicando o fim do fenômeno El Niño, porém desde o início de maio até os primeiros dias de julho, as anomalias vêm oscilando entre $0,5^{\circ}\text{C}$ e $-0,5^{\circ}\text{C}$, indicando o início das condições de Neutralidade.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 30 DE JUNHO 2024

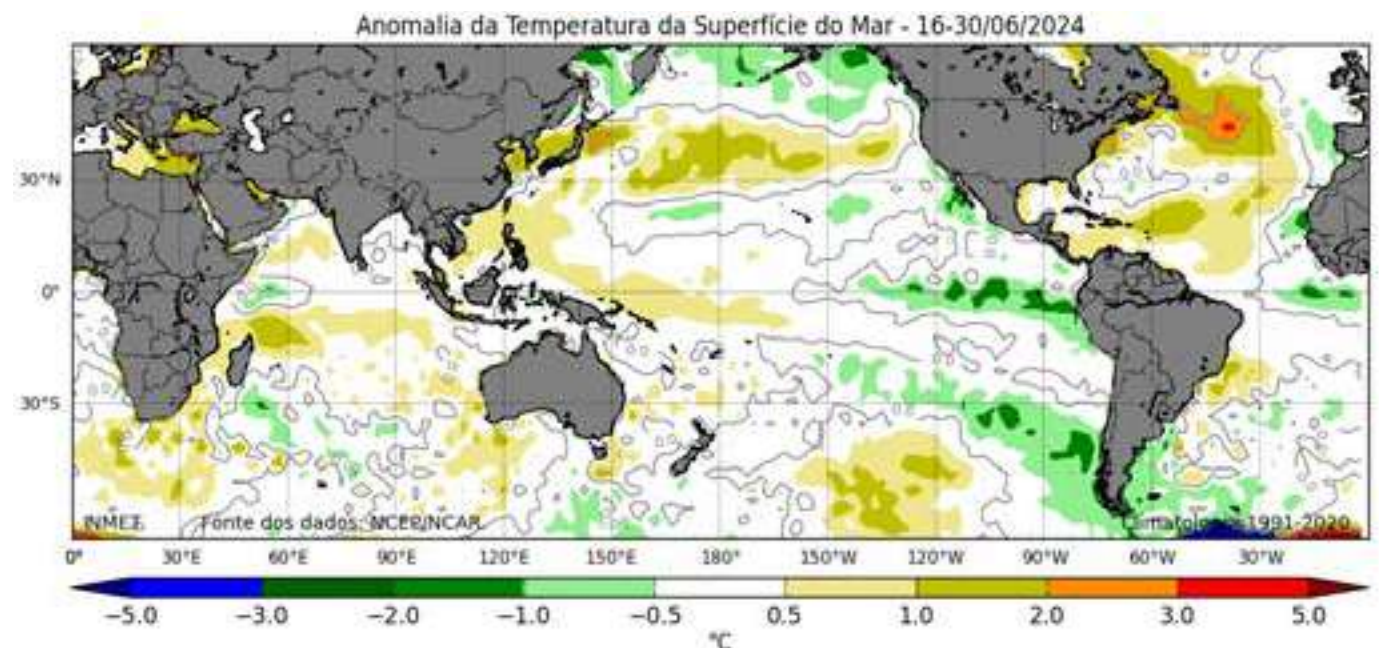
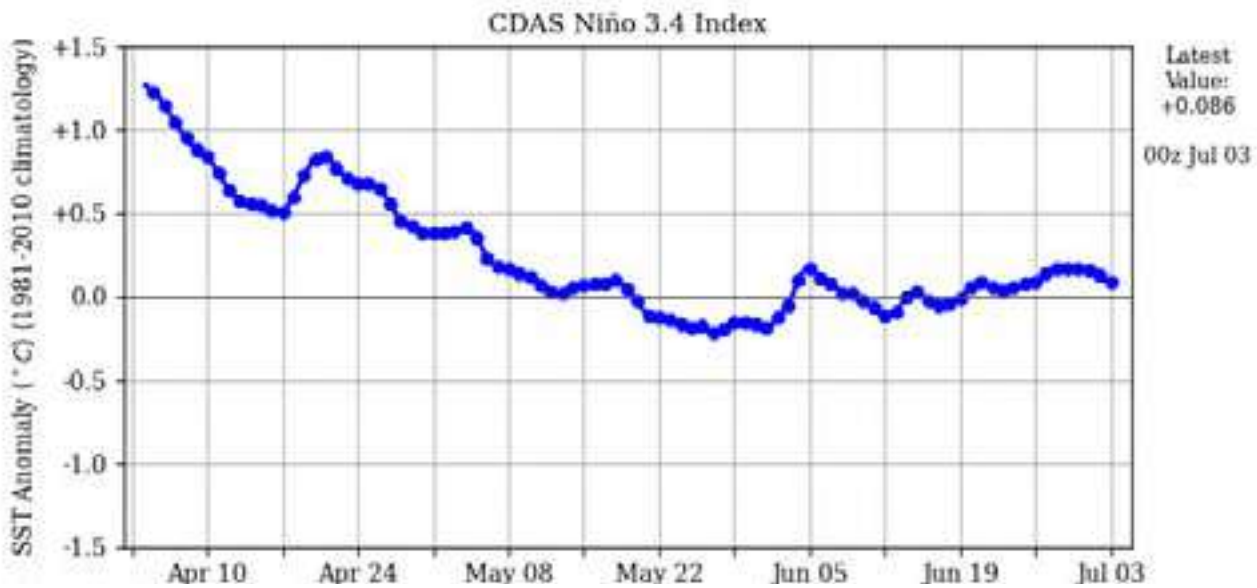


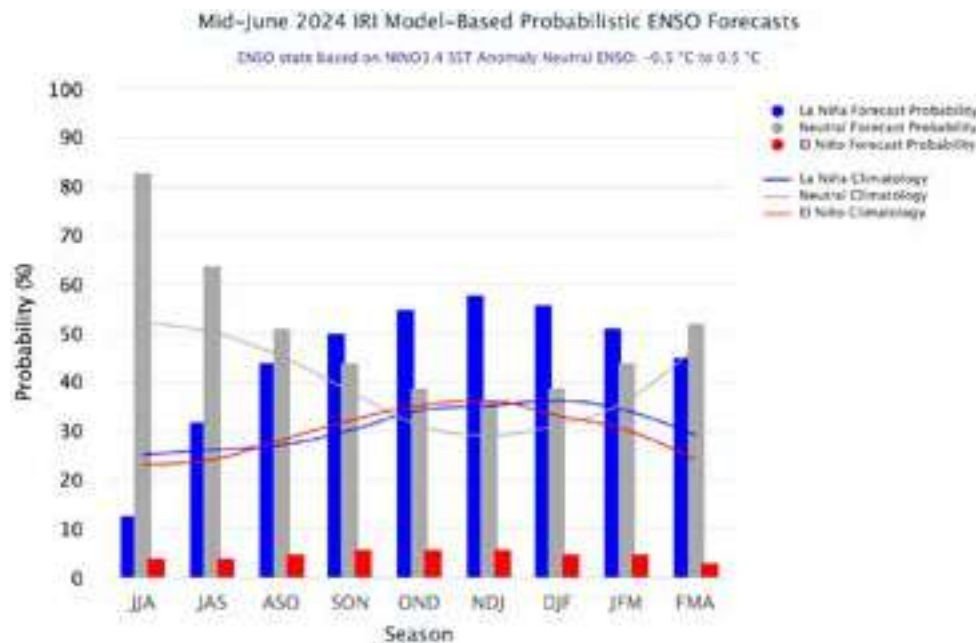
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para condições de Neutralidade durante os trimestres julho, agosto e setembro de 2024 e agosto, setembro e outubro de 2024, com probabilidades variando de 50% a 64%. Entretanto, a partir do trimestre setembro, outubro e novembro de 2024, o modelo aponta uma transição para o fenômeno La Niña (resfriamento anômalo das águas do Pacífico Equatorial), com 50% de probabilidade.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 2024

A previsão climática do modelo do Inmet para os próximos três meses é apresentada na figura abaixo. O modelo indica chuvas abaixo da média em grande parte do país. Chuvas acima da média são previstas em áreas do oeste e norte da Região Norte e parte leste da Região Sul. Ressalta-se que tivemos o início do período seco no Brasil Central e, conseqüentemente, os níveis de água no solo vêm sofrendo redução, principalmente no interior da Região Nordeste e norte de Minas Gerais.

Analisando separadamente cada região do país, tem-se que para a Região Norte, a previsão é de chuvas acima da média no norte de Roraima, noroeste do Pará e do Amazonas, leste do Acre e Amapá. Nas demais áreas, os volumes de chuva podem ficar próximos ou abaixo da média histórica, o que pode reduzir os níveis de umidade do solo nos próximos meses, principalmente no sul da região amazônica.

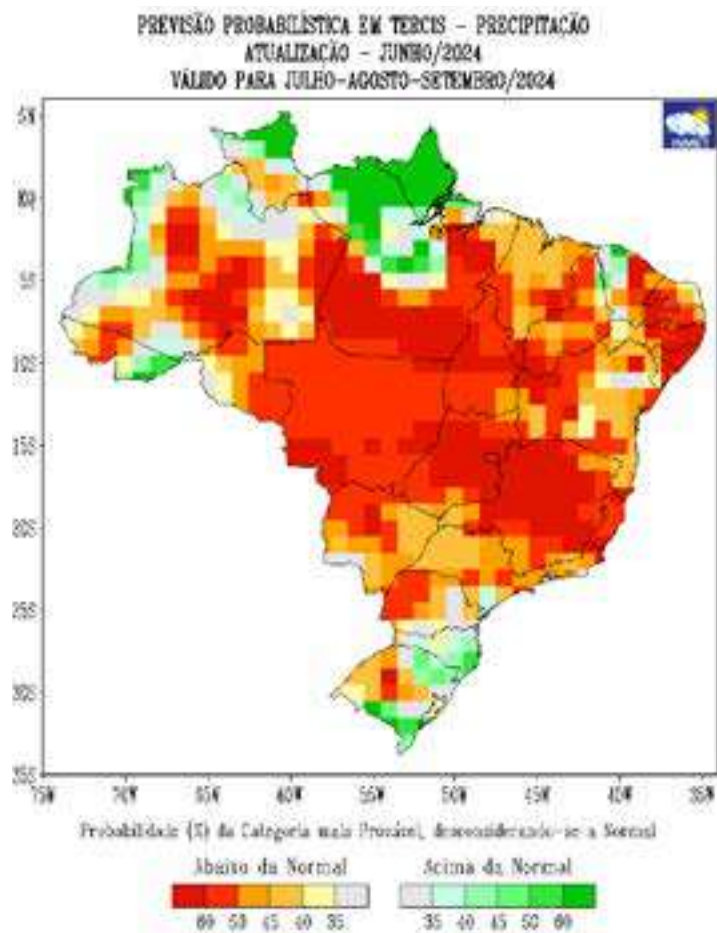
Na Região Nordeste, há previsão de chuvas abaixo da média em grande parte da região, principalmente no interior. Este cenário contribui para a redução do armazenamento hídrico do solo. Ressalta-se que, em áreas pontuais da faixa litorânea, o transporte de umidade do oceano para o continente pode favorecer a ocorrência de chuvas inferiores a 20 mm.

Em grande parte das regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas abaixo da média, que podem contribuir para a redução dos níveis de água no solo nos próximos meses. No entanto, em áreas pontuais do sudeste de São Paulo e sudoeste de Mato Grosso do Sul, podem ocorrer chuvas fracas a moderadas devido ao avanço de algumas frentes frias.

Na Região Sul, são previstas chuvas abaixo da média, exceto no centro-leste de Santa Catarina, nordeste e sul do Rio Grande do Sul, onde as chuvas podem permanecer acima da média. De modo geral, os níveis de água no solo permanecerão elevados devido às chuvas ocorridas nos últimos meses. Porém, o oeste e centro-norte do Paraná poderão apresentar redução dos níveis de umidade no solo.

Em relação à temperatura média do ar, o modelo continua indicando temperaturas acima da média climatológica em praticamente todo o país, especialmente em áreas do Pará, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso, onde os valores médios podem ultrapassar os 26 °C. Em áreas pontuais do interior do Nordeste, norte de Minas Gerais e do Espírito Santo, além do leste de Santa Catarina e grande parte do Rio Grande do Sul, as temperaturas devem ser próximas ou ligeiramente abaixo da média, variando entre 20 °C e 22 °C. Em áreas serranas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser inferiores a 15 °C, pois não se descarta a entrada de massas de ar frio que podem causar declínio da temperatura mínima e possíveis formações de geadas.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 2024



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.944,7 mil ha
16,9%

PRODUTIVIDADE

1.870 kg/ha
-2,0%

PRODUÇÃO

3.636,2 mil t
14,6%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.174,7	1.708	2.005,8
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.905	3.169,9
2023/24	Jun./24	1.944,5	3.657,1
	Jul./24	1.944,7	3.636,2

Fonte: Conab.

A produção de 3.636,2 mil toneladas de algodão em pluma manteve-se maior em relação à safra anterior, entretanto representou leve redução em comparação ao levantamento anterior. Essa redução é acompanhada por condições desfavoráveis que acometeram as lavouras Mato Grossenses, maior produtor da fibra. Chama-se atenção à redução da produtividade nas lavouras do Mato Grosso do Sul, no início da colheita. Estado mais avançado na colheita, São Paulo, espera a maturação de lavouras semeadas mais tardiamente para finalizar o ciclo no estado.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: praticamente não houve chuvas ao longo de junho. A condição do tempo permitiu a maturação com qualidade das lavouras, todavia havia necessidade de algum volume para àquelas plantas que ainda necessitavam de umidade suficiente no solo, para completar a formação das fibras da ponteira do algodoeiro.

As lavouras de algodão têm apresentado aspecto saudável de desenvolvimento, com estrutura vegetativa e dosséis bem formados. Porém, devido ao prolongamento de chuvas em grande volume, associado às altas temperaturas, a planta vegetou mais que o normal, de forma tão intensa que a aplicação de regulador de crescimento não impediu a expansão vegetal além do limite considerado favorável à produção de frutos integralmente. Isso acarretou aborto ou apodrecimento do baixeiro, além da perda da produção no terço médio das plantas. Associada a isso, houve incidência maior de mancha-alvo em cultivares menos resistentes, e, em outros casos, pelo aumento na densidade de plantio por metro linear, causando o fechamento precoce dos espaços entre as plantas, resultando

em maior umidade e, conseqüentemente, em um aumento nas ocorrências de doenças e pragas.

De modo oposto, em regiões pontuais, o corte sazonal da pluviosidade impediu a completa conclusão na formação das fibras da ponteira do algodoeiro implantado derradeiramente.



Foto 1 - Algodão - maturação - Alto Garças-MT

Fonte: Conab.

Bahia: estima-se aumento da área em relação à safra passada. Essa expansão do cultivo deve-se aos bons resultados obtidos na safra anterior e à expectativa do aumento do mercado internacional.

Estima-se queda da produtividade em relação à safra passada. Apesar do aporte hídrico considerável no início de 2024, a estimava de queda na produtividade é devido à irregularidade das chuvas e instabilidade climática registrada no final de 2023.

Nos últimos 30 dias não houve registro de chuva. A falta de precipitações e alta luminosidade favorecem a maturação e colheita das lavouras de algodão.

As lavouras seguem com bom desenvolvimento, havendo em campo plantas em fase de formação de maçãs, maturação e colheita. Há focos de pragas, mosca-branca, tripes, larva minadora, bicudo e spodoptera, em um grau que não causa perdas produtivas.

Nas áreas de sequeiro do oeste, cuja a colheita foi realizada, obteve-se produtividade média e fibras de boa qualidade. Estima-se que até o fim de junho a colheita tenha avançado em 50% da área de sequeiro, enquanto o cultivo irrigado terá a colheita iniciada no fim de julho. A expectativa é que com o avançar da colheita, obtenha-se melhor qualidade de fibras e maiores produtividades. No centro-sul, a colheita avança com bom rendimento e qualidade da fibra.

Mato Grosso do Sul: o excesso hídrico ocorrido em abril e o longo período de estiagem no decorrer do ciclo, apresentaram diretamente danos à cultura do algodoeiro na região norte. Apesar disso, a colheita tem demonstrado produtividades bem consideráveis aos cotonicultores.

No período do levantamento, ocorreu necessidade de aplicação de inseticida para controle de pulgão, para evitar que a excreção açucarada da praga prejudicasse a qualidade das fibras dos capulhos abertos e também iniciou as operações de pulverização de maturadores e de colheita nas regiões norte/nordeste.

O avanço da colheita em Campo Grande possibilitou verificar que o dano provocado pelo estresse climatológico durante o ciclo da cultura foi maior, bem como o início da operação nas regiões norte/nordeste está dando

indícios de que o apodrecimento de maçãs pelo excesso de chuvas em abril, ocorrido naquela localidade também, foi mais danoso que o estimado, até o levantamento anterior, fatos que justificam a atual redução da produtividade média estadual.

Goiás: a área plantada cresceu 50%, somadas as lavouras de sequeiro e irrigado. Praticamente todas as áreas já estão em fase reprodutiva, incluindo àquelas irrigadas.

A colheita iniciou-se na região leste e sul de forma incipiente, devendo ganhar força a partir de julho. As produtividades das áreas colhidas, até o momento, apresentam leve queda em virtude das chuvas que ocorreram na parte baixa, quando se formava as maçãs das partes baixas das plantas.

Apesar da redução de produtividade em algumas regiões, as plumas obtidas têm apresentado boa qualidade. Mesmo diante de alguns problemas climáticos, a produtividade média no estado teve um leve aumento. De uma forma geral, o bom regime de chuvas e o bom controle de pragas e doenças foram responsáveis para obtenção de uma produção acima da inicialmente estimada.

Para as lavouras de sequeiro, a quantidade de água no sistema foi suficiente para a cultura completar o ciclo. As áreas irrigadas já estão na fase de formação de maçãs e abertura de capulhos. A água presente nas barragens é suficiente para o fornecimento às plantas.

Maranhão: o cultivo da primeira safra de algodão ocorre nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, nos Gerais de Balsas, no sul do estado. O plantio da primeira safra foi realizado entre dezembro de 2023 e o início de janeiro de 2024. Em meados de junho, foi iniciada a colheita dessas lavouras. Até o final do mês, a operação alcança cerca de 20% da área plantada. O período

quente e seco permite que os trabalhos em campo se estendam até o período noturno. As demais lavouras estão em maturação, com boas condições gerais.

Os agricultores deram início à eliminação de soqueira nos talhões já colhidos, uma medida preventiva para reduzir os focos de bicudo do algodoeiro.

Na presente safra, a área de plantio do algodão teve aumento em relação ao ano anterior. A produtividade média permanece, com expectativa positiva, até o momento, apesar dos desafios climáticos e de pragas como bicudo e lagarta.

A segunda safra de algodão, cultivada em Balsas, no sul do estado, teve a semeadura entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro de 2024, após a finalização da colheita da soja. As lavouras de algodão safrinha se encontram em maturação e parte ainda em formação de maçãs, com pulverizações de desfolhantes e maturadores. A colheita está prevista para iniciar no início de julho de 2024.

Na temporada atual, a área de plantio da segunda safra é quase o dobro da área alcançada na safra anterior, devido à substituição de área de outras culturas, como soja e milho.

As lavouras devem apresentar rendimento médio, apesar da dificuldade com pragas como bicudo do algodoeiro e lagarta.

São Paulo: o algodão na região de Holambra, Paranapanema e Avaré esta praticamente finalizado. Quanto à região de Riolândia, a área de abrangência de algodão é metade sob pivô e metade em sequeiro.

Esta safra está bastante desafiadora, as temperaturas elevadas e a falta de chuvas agravaram a pressão de pragas como mosca-branca, tripes e o pulgão foram algumas das muitas adversidades que acometeram as lavouras de algodão.

Os produtores que cultivam o algodão, em sua maioria, pertencem a região de Holambra e, nesta safra, estes reduziram suas áreas priorizando a soja.

Tocantins: as lavouras estão em processo de desfolha, quando é realizada a dessecação para uniformizar os talhões de colheita.

Nos municípios que semearam o algodão safrinha, em meados de fevereiro e início de março, a colheita está prevista para daqui a meados de julho. O plantio ocorreu após a colheita da soja.

Na região de Tocantínia, o algodão está em fase de desfolha com previsão de colheita para o dia 10 de julho, a cultura foi acometida por lagartas, mas os controles foram realizados e não é aguardado uma queda na produtividade em razão disso. Na região de Dianópolis, o algodão está em desfolha, com previsão de colheita no início de julho.

Minas Gerais: a colheita do algodão já alcança 20% da área cultivada. No momento, a operação se concentra nas áreas de sequeiro, que foram semeadas entre o final de novembro e dezembro. Nessas áreas, foi observado o apodrecimento do baixeiro devido às chuvas de fevereiro e março, com isso, os fardos apresentam-se menos pesados, quando comparados ao ano passado. Já as lavouras irrigadas também caminham para o final do ciclo, e a previsão de iniciar a colheita é na segunda quinzena de julho.

De maneira geral, o clima foi favorável ao bom desenvolvimento das lavouras.

Piauí: confirma-se aumento significativo de área, tanto como ampliação de áreas que já cultivam a cultura como incorporação de novas áreas. As lavouras se desenvolveram em boas condições, favorecidas pelas condições climáticas e sem impactos mais significativos de fatores bióticos.

A colheita foi iniciada no último decêndio de junho e deve continuar avançando normalmente.

Paraná: as condições de clima quente e seco em dezembro e grande parte de janeiro, afetaram as lavouras desta cultura, rebaixando a estimativa de produtividade, quando comparadas com a safra anterior.

O tempo foi mais seco e quente durante a parte final do ciclo, o que refletiu numa redução da produtividade. Porém, a qualidade do produto ficou muito boa, tendo em vista um tempo mais seco durante a época de colheita.


A colheita está encerrada.

RioGrandedoNorte: as intempéries climáticas e preços pouco remuneradores no mercado local fizeram com que a grande maioria dos produtores abandonassem essa atividade, optando por culturas de subsistência, tais como milho e feijão.

Nesta safra é previsto o plantio de 631 hectares em todo o estado, visto que 425 hectares serão cultivados em Touros.

Ceará: a cultura se desenvolve bem e espera-se um bom rendimento devido aos fatores climáticos. Parte dessa área é irrigada, por isso, o alto rendimento esperado. Em relação ao relatório anterior, houve um aumento de área devido à inclusão de novas áreas identificadas.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024																
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET						
RO	Leste Rondoniense	0,68			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	C						
TO	Oriental do Tocantins	0,32		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	2,23		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C							
	Sul Maranhense - 2ª Safra					S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C						
PI	Sudoeste Piauiense	0,86		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C							
BA	Extremo Oeste Baiano	20,80		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C						
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	45,87		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
Norte Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
MT	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,74		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
MS	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
MG	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
MS	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	13,99		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,83		S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra					S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C						
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,51	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Leste Goiano - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C					
MG	Sul Goiano - 1ª Safra	1,48		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Sul Goiano - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C					
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Noroeste de Minas - 2ª Safra					S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra					S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C						

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A safra 2023/24 de algodão já se encontra no início da fase de colheita e vem tendo um ótimo desempenho em produção e em produtividade, de acordo com o décimo levantamento de safra 2023/24, realizado pela Conab. Embora a produtividade desta safra tenha caído em comparação com a anterior, a produção crescerá 14,6%, chegando a atingir o patamar de 3,64 milhões de toneladas de pluma. Este valor se deve ao crescimento de área de 16,9%.

A boa rentabilidade da pluma no mercado e o abandono de outras culturas, as quais foram substituídas pelo algodão devido a problemas climáticos, foram os principais responsáveis por este crescimento de área e produção.

Em junho de 2024, as exportações brasileiras de algodão em pluma reduziram seu desempenho em comparação com os cinco primeiros meses do ano, mas ainda assim superaram o mesmo período do ano anterior. Apenas no primeiro semestre de 2024 o total exportado foi de 1,39 milhão de toneladas, ante 1,62 milhão de toneladas em todo o ano de 2023. A expectativa é que sejam exportadas 2,83 milhões de toneladas em 2024. Por outro lado, as importações de pluma reduziram bastante, quando no primeiro semestre foram importadas apenas 0,4 mil toneladas. Neste ano, a previsão é que sejam importadas apenas mil toneladas.

Enquanto as exportações têm atingido valores recordes, pelo lado do consumo interno espera-se um crescimento mais conservador, devendo chegar a 695 mil toneladas. Há a expectativa que o consumo das indústrias de processamento de algodão seja um pouco maior em comparação ao ano anterior, algo em torno de 2,2%.

O fraco desempenho da indústria nacional, diante da concorrência com produtos importados e as altas taxas de juros que limitam o consumo e

freiam o crescimento da economia, têm restringido a produção nacional. Diante deste cenário, o estoque final deverá crescer e atingir 2,3 milhões de toneladas para a safra 2023/24.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2017/18	629,1	2.005,8	19,6	2.654,5	700,0	974,0	980,5	
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3	
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7	
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7	
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4	
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	680,0	1.618,2	2.197,2	
2023/24	jun/24	2.197,2	3.657,1	1,0	5.855,3	710,0	2.715,0	2.430,3
	jul/24	2.197,2	3.636,2	1,0	5.834,4	695,0	2.830,0	2.309,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.606,8 mil ha

+8,6%

PRODUTIVIDADE

6.588 kg/ha

-2,8%

PRODUÇÃO

10.586,3 mil t

+5,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.781	10.033,3
2023/24	jun./24	1.591,6	10.395,7
	jul./24	1.606,8	10.586,3

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A colheita foi finalizada nas regiões produtoras do país, mostrando nesta safra, um importante incremento de área, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, observado principalmente nas áreas de plantio dos estados do Mato Grosso (sequeiro) e no sistema irrigado em Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, apesar da situação de calamidade com a ocorrência das inundações, uma vez que a cultura já estava quase totalmente colhida.

A qualidade dos grãos colhidos é satisfatória, com bons rendimentos também na quantidade de grãos inteiros, apesar da influência das adversidades climáticas na produtividade das lavouras, com instabilidade durante o ciclo produtivo da cultura em muitas áreas pontuais no país.

O destaque foi para o Rio Grande do Sul, em que a situação alarmante das fortes chuvas ocorridas no período da colheita e os atrasos na semeadura em algumas regiões e/ou baixa radiação solar durante o ciclo vegetativo, apresentaram perdas totais em algumas áreas, e assim não foram colhidas, principalmente nas regiões Central, Campanha e no Vale do Rio Pardo, sendo na fase final de colheita os impedimentos mais relevantes relacionados com a drenagem das áreas afetadas pelas enchentes, excesso de umidade no solo e dos grãos, além de plantas acamadas.

A área de arroz irrigado foi estimada em 1.281,2 mil hectares, com aumento de 8,9%, comparada à safra passada. Quanto ao arroz de sequeiro, houve um aumento de área em 7,3% em relação à safra 2022/23, estimada, para a safra 2023/24, em 325,6 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a colheita do arroz está encerrada. Nesta safra, a variação nas condições meteorológicas, desde a implantação até a colheita, ocasionou prejuízos aos produtores e alteração no rendimento produtivo da cultura. O período de semeadura foi bem longo, setembro de 2023 a janeiro de 2024, inclusive havendo plantio fora da janela.

Estima-se que aproximadamente 5% da área semeada teve perdas significativas na produtividade e/ou a perda total como em áreas onde ocorreram geadas no período de floração e, principalmente, devido a

tempestades, enxurradas e alagamentos, que devastaram todo o estado. Foi realizado o mapeamento das áreas de arroz atingidos pelas inundações, identificando um total de 194,9 mil hectares.

Contudo, deste total, observou-se uma área de 42,1 mil hectares ainda não colhida, até o momento da ocorrência dos alagamentos, o que representou 4,7% da área cultivada com a cultura no estado. Nessas áreas, os danos variam com os efeitos das inundações, como plantas levadas pelas enchentes ou mesmo locais onde o alto volume das águas foi transitório, chegando a 85% em perdas.

Além disso, houve atraso na colheita em mais de 13% da área, causando perdas, tanto quantitativas quanto qualitativas, em mais de 30%, assim como prejuízos devido à ocorrência de chuvas de granizo. Assim, após a colheita, a estimativa de produtividade média das áreas semeadas foi inferior ao projetado no início da safra, levando-se em consideração o mapeamento agrícola e a produção total.

Tocantins: a colheita foi encerrada, e com a realização do mapeamento agrícola, pelos técnicos da Conab, houve o ajuste da área cultivada nesta safra.

Maranhão: a colheita do arroz de sequeiro foi concluída, observando-se nesta safra um incremento de área, principalmente nas áreas produtoras das regiões norte, leste e oeste do estado, em virtude dos preços atrativos praticados no mercado.

Minas Gerais: a cultura teve sua colheita finalizada. Nas lavouras cultivadas sob irrigação no noroeste do estado, houve um incremento na produtividade, comparado ao levantamento anterior após a colheita, enquanto que nas lavouras de sequeiro registrou-se perdas de potencial

produtivo nas áreas do norte do estado, onde ocorreram períodos de estiagens, afetando parte do desenvolvimento das plantas.

Rondônia: nas áreas de produção do arroz de sequeiro, as condições climáticas vigentes ao final do ciclo de produção apresentaram chuvas regulares e bem distribuídas, que favoreceram o desenvolvimento das lavouras implantadas, enquanto que segue a operação da colheita, estando quase concluída.

Amazonas: o arroz encontra-se quase todo colhido, sem alteração na sua condição devido à condição climática. Porém, muitas áreas foram substituídas por pastos, realizando o plantio do capim brachiaria. O arroz no Amazonas teve um crescimento de 12% na área de produção.

Ceará: no arroz irrigado (segunda safra), com boas reservas de abastecimento hídrico nas áreas de plantio do estado, a cultura se desenvolve normalmente.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023/2024										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,72					S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,62					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	
TO**	Ocidental do Tocantins	4,71			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,58					S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,91			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO**	Leste Goiano	0,57		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,32	S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Vale do Itajaí	2,02	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Catarinense	7,45	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Continua

Legenda - Condição hídrica						
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023/2024										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,20		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	4,08		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	16,93		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	29,07		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	14,77		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2023/24 de arroz será 5,5% maior que a safra 2022/23, sendo projetada em 10,6 milhões de toneladas. Este resultado é reflexo principalmente da estimativa de significativa expansão de área em meio à recuperação da rentabilidade projetada para o setor. Todavia, cabe pontuar que os recentes extremos eventos climáticos no Rio Grande do Sul refletiram em perda de áreas e produtividades das lavouras do grão, o que limitaram o aumento produtivo.

Sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste décimo levantamento, estima-se uma expansão do consumo nacional para 11 milhões de toneladas na safra 2023/24. Esta revisão foi realizada com base no provável cenário de políticas públicas de incentivo à ampliação de consumo de arroz ao longo de 2024, além da significativa expansão do auxílio médio e do número de beneficiários do Programa Bolsa Família. Mais especificamente sobre a balança comercial, as exportações, na safra 2021/22, apresentaram um significativo volume comercializado e encerrou com 2,1 milhões de

toneladas vendidas, em razão da boa competitividade do grão no mercado internacional e quebra da safra norte-americana.

Na safra 2022/23, em meio a um cenário de menor disponibilidade do grão e de maiores preços internos, notou-se uma retração do volume comercializado com o mercado externo para 1,7 milhão de toneladas, sendo este valor próximo da média comercializada ao longo dos últimos anos, com exceção da safra 2020/21, que apresentou movimentação atípica. Para a safra 2023/24, com a alta probabilidade de que os preços internos operando acima das paridades de exportação e com a recomposição produtiva norte-americana, a projeção é de redução dos volumes exportados para 1,3 milhão de toneladas pelo Brasil, todavia o comportamento do câmbio ao longo do segundo semestre de 2024 será determinante na confirmação da previsão apresentada.

Sobre as importações, o país importou 1,6 milhão de toneladas em 2023 e, para 2024, projeta-se uma expansão do volume importado para 1,7 milhão, em razão ainda da necessidade de recomposição da oferta nacional. Com isso, em meio aos números apresentados, a projeção é que o estoque de passagem fique próximo da estabilidade ao final da atual safra, com um volume estimado de 394,2 mil toneladas ao final de fevereiro, visto que na safra 2022/23 a estimativa é de um estoque final de 407,9 mil toneladas.

Por último, é importante destacar a alteração da janela de análise do quadro de suprimento do arroz, que agora passa a refletir o momento de menor estoque disponível no mercado, que é usualmente em fevereiro de cada ano, dado que, entre janeiro e fevereiro, a colheita brasileira é diminuta, sendo o consumo significativamente superior à entrada de produto novo no mercado. Com isso, com a alteração do quadro de suprimento, busca-se representar a real situação de ajuste entre a oferta e demanda interna

no Brasil. Sobre a metodologia de alteração da janela de análise, manteve-se como parâmetro de estoques os dados do IBGE de estoque ao final de dezembro de cada ano, sendo subtraído o consumo estimado em janeiro e fevereiro desse dado, com base na Taxa de Cooperação e Defesa da Orizicultura (Taxa CDO) e descontado os saldos da balança comercial no período em questão.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
Estoque final em 31 de dezembro	2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8	
	2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0	
	2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5	
	2020/21	1.887,5	11.766,4	1.004,1	14.658,0	10.832,4	1.143,5	2.682,1	
	2021/22	2.682,1	10.780,5	1.212,3	14.674,9	9.996,6	2.111,3	2.567,0	
	2022/23	2.567,0	10.031,8	1.442,5	14.041,3	10.329,8	1.753,9	1.957,6	
	2023/24	jun/24	1.787,4	10.395,7	2.200,0	14.383,1	11.000,0	1.200,0	2.183,1
		jul/24	1.957,6	10.586,3	1.700,0	14.243,9	11.000,0	1.300,0	1.943,9
Estoque final em 28 de fevereiro	2017/18	711,6	12.064,2	845,1	13.620,9	11.101,2	1.707,4	812,3	
	2018/19	812,3	10.483,6	1.037,7	12.333,6	10.780,3	1.365,7	187,6	
	2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0	
	2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3	
	2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6	
	2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9	
	2023/24	407,9	10.586,3	1.700,0	12.694,2	11.000,0	1.300,0	394,2	

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2024.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.857,8 mil ha

+5,9%

PRODUTIVIDADE

1.143 kg/ha

+1,7%

PRODUÇÃO

3.267,6 mil t

+7,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Pelo seu apelo alimentar, mercadológico e agrônômico, a cultura tem grande relevância na agricultura nacional. Nesse último quesito, tem papel fundamental no planejamento de calendário agrícola, justamente por possuir um ciclo fenológico considerado adequado ao seu plantio em uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra.

Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio de feijão, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18		1.061,2	1.212	1.286,4
2018/19		922,6	1.072	989,1
2019/20		914,5	1.209	1.105,6
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24	jun./24	860,7	1.094	941,8
	jul./24	861,1	1.094	942,2

Fonte: Conab.

A colheita da primeira safra de feijão em 2023/24 está finalizada.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PA	Nordeste Paraense	0,79					PS	S/E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Norte Piauiense	0,72				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PI	Centro-Norte Piauiense	0,82				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	3,23				S/E/DV	E/DV/F	F/EG	M/C	C	
	Sudeste Piauiense	2,43				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Extremo Oeste Baiano	8,68			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	M/C	C	
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	0,76			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro Sul Baiano	2,03			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Leste Goiano	5,43		S/E	S/DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
GO	Sul Goiano	4,64		S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C				
	Norte Goiano	2,28		S/E	E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C			
DF	Distrito Federal	2,78		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		

Continua

Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
MG	Noroeste de Minas	7,23			S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte de Minas	1,36			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,24		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,70		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,84		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,64		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,38		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,22		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Assis	0,89		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C				
	Itapetininga	1,29	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	1,01		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C				
	Norte Pioneiro Paranaense	1,26	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
PR	Centro Oriental Paranaense	4,09	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	0,91	S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,11	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	9,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	5,02	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
SC	Oeste Catarinense	2,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Catarinense	1,67	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Serrana	1,97	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	2,60			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2023/24

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.532,7	793	1.216,0
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	jun./24	1.491	1.610,9
	jul./24	1.511,8	1.537,0

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: colheita finalizada no último mês, e o que se constatou foi uma redução no potencial produtivo, especialmente das lavouras de plantio mais tardio, que passou pelas fases críticas do ciclo, principalmente floração e enchimento de grãos, enfrentando condições adversas, tanto no aspecto climático, com escassez de precipitações e altas temperaturas, como também no quesito fitossanitário, ao se verificar maior incidência de pragas, como a mosca-branca, e doenças, vírus do mosaico dourado e a bacteriose do feijoeiro. Isso acarretou em diminuição na produtividade média estimada, até mesmo ficando abaixo do resultado de 2022/23.

A área plantada apresentou leve ajuste em relação ao levantamento anterior, mas ainda se manteve inferior ao total semeado na temporada passada, principalmente pela substituição de áreas antes destinadas ao cultivo do feijão-comum cores e que nesse ciclo foram plantadas com o feijão-comum preto, justificado, essencialmente, por questões de mercado.

Minas Gerais: a colheita avançou bastante no último mês, e já ultrapassou três quartos da área total. Com o andamento das operações tem se observado

reduções ainda maiores no potencial produtivo da cultura. Nas lavouras plantadas mais precocemente, por exemplo, as perdas estão associadas principalmente à maior incidência de mosca-branca, advinda da soja, e a transmissão de vírus do mosaico dourado, provocando danos gerais sobre as plantas. Já nas lavouras mais tardias, as reduções estão relacionadas especialmente com os episódios de estiagem, promovendo restrição hídrica e impactando o desenvolvimento da cultura. Vale ressaltar que na região sul do estado, onde se concentra a maior área de produção nesse período, as condições climáticas foram menos restritivas, amenizando assim as estimativas de redução de rendimento para a cultura.

Santa Catarina: as operações de colheita estão concluídas, e houve confirmação das estimativas de leve aumento na produção total em comparação ao resultado do ano passado, sendo motivado pelo incremento na área plantada em relação ao mesmo período comparativo.

A instabilidade climática diminuiu o potencial produtivo, deixando a média de produtividade inferior àquela alcançada em 2022/23.

Bahia: por conta da suplementação hídrica mediante irrigação, as lavouras mantiveram um bom desenvolvimento, mesmo com a escassez de chuvas ao longo dos últimos dias. A cultura também vem apresentando bom aspecto fitossanitário, sem registros significativos de ataques de mosca-branca.

Com as condições gerais favoráveis, até o momento, e o aumento na área plantada em comparação ao ciclo passado, houve expansão de área em regiões antes destinadas ao milho irrigado, e a perspectiva é de bons resultados para o produto na presente safra.

Mato Grosso: a colheita foi concluída no estado. De maneira geral, a safra apresentou resultado abaixo do valor obtido em 2022/23, mesmo após

significativo incremento na área plantada. Fatores do tipo fitossanitário, com maior incidência de ataques de pragas, bem como o grande volume de chuvas em fases importantes do ciclo, impactaram e reduziram o potencial produtivo da cultura e diminuir as estimativas e rendimento médio da cultura. A qualidade de alguns volumes também sofreu danos pelo excesso de umidade, com grãos fora da textura comercial padrão.

Mato Grosso do Sul: as adversidades climáticas anteriormente registradas se mantiveram no final de ciclo e culminaram em uma redução ainda maior do potencial produtivo da cultura. O estresse hídrico e o calor provocaram abortamento de flores e vagens, deixando o produto comprometido no aspecto quantitativo e qualitativo. A diminuição no rendimento médio dos grãos só não foi maior devido às áreas conduzidas sob pivô-central, algumas dessas áreas irrigadas registraram danos mais acentuados com ataques de lagartas, e daquelas que foram implantadas após as últimas chuvas de abril e que receberam as precipitações ocorridas no fim de maio. Soma-se a esses fatores a forte pressão de mosca-branca nas lavouras, demandando reaplicações constantes para evitar os danos produtivos, elevando os custos de produção.

O aumento na área plantada em relação ao ano passado foi um dos poucos atenuantes no resultado final da safra, que foi bem inferior a 2022/23.

Rondônia: as chuvas que ocorreram de forma regular e sem excessos no início do ciclo foram extremamente benéficas ao desenvolvimento vegetativo das lavouras. Contudo, houve paralização abrupta dessas precipitações a partir da fase reprodutiva, e isso trouxe dificuldades nas fases de formação e maturação dos grãos, limitando o potencial produtivo.

Atualmente, com a colheita em fase final, constata-se queda considerável nas estimativas de rendimento médio, tanto em relação aos levantamentos

anteriores, como em comparação à temporada passada. As referidas intercorrências climáticas representaram falta de chuvas em fases críticas do ciclo, especialmente floração e enchimento dos grãos, culminando em uma estimativa de produção final bem abaixo do esperado, considerando também a redução na área plantada em relação ao ano anterior.

São Paulo: a colheita está em andamento, e o que tem se observado é uma significativa queda de potencial produtivo em virtude de alta pressão de mosca-branca, ocasionando danos às lavouras com a inoculação do vírus do mosaico dourado, bem como perdas relacionadas ao estresse hídrico, com chuvas escassas e que impõem baixos níveis de umidade nos solos, afetando, por consequência, a disponibilidade de água para as plantas.

As operações de colheita ainda estão em fase inicial, devendo avançar bastante no próximo mês, mas as estimativas já indicam diminuição no rendimento médio da cultura.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o clima mais seco durante a maior parte de junho permitiu a finalização da colheita da cultura. As poucas chuvas que ocorreram nas regiões produtoras influenciaram a qualidade de alguns lotes de grãos colhidos.

De maneira geral, a safra apresentou queda no rendimento médio, inclusive em comparação à temporada passada, especialmente pelas adversidades climáticas, principalmente escassez pluviométrica e altas temperaturas, e fitossanitárias, maior incidência de pragas e doenças, como mosca-branca, vírus do mosaico dourado e bacteriose do feijoeiro, que acometeram as lavouras de plantio mais tardio e impactaram o potencial produtivo da

cultura.

Santa Catarina: mesmo com as oscilações climáticas registradas no final do ciclo, a safra foi positiva, tanto no quesito de rendimento da cultura como no aspecto de área semeada, já que houve incremento nesses dois parâmetros em comparação a 2022/23. As questões de mercado foram preponderantes para direcionar esse crescimento na área plantada, com boa rentabilidade do feijão-comum preto neste ano. Já o clima mais favorável às lavouras no início do ciclo permitiu um bom desenvolvimento das áreas mais precoces. A colheita foi finalizada em junho.

Rio Grande do Sul: as chuvas torrenciais ocorridas no final de abril e início de maio, bem como os vários dias consecutivos de chuvas no restante de maio impactaram intensamente as lavouras de feijão de segunda safra no estado. O cenário favoreceu o desenvolvimento de doenças e impediu a realização da colheita no momento mais adequado, causando perdas de rendimento e de qualidade dos grãos.

As operações de colheita prosseguiram em junho, e o que se observou foi que tais eventos trouxeram efeitos deletérios significativos no potencial produtivo da cultura. A safra acabou se encerrando com um resultado bem abaixo do esperado, mesmo em um ciclo que apresentou incremento de área. A estimativa de produtividade média sofreu redução, tanto em comparação com o divulgado no levantamento passado como também em relação ao rendimento médio visualizado em 2022/23.

Minas Gerais: a área cultivada na segunda safra é pouco expressiva, mas tem importância para o abastecimento local.

Na presente safra, a colheita está em andamento, e se percebe redução significativa no potencial produtivo por conta de alguns fatores adversos,

como a escassez pluviométrica em parte importante do ciclo, bem como a maior incidência de mosca-branca e, por consequência, do vírus do mosaico dourado, impactando, assim, nas estimativas de rendimento da cultura para o período.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: com o avançar do ciclo, houve pequeno ajuste sobre a estimativa de área plantada, apontando leve incremento em relação ao divulgado no levantamento anterior.

Já no aspecto de campo, a cultura segue demonstrando evolução no andamento da colheita, que se aproxima do final, com boas condições gerais ao longo do ciclo, mantendo uma excelente estimativa para a produtividade média, estando bem superior ao visualizado na temporada passada, especialmente na questão climática, com chuvas volumosas e bem distribuídas, principalmente no início do desenvolvimento das lavouras.

Mato Grosso: a ausência de chuvas no último mês foi benéfica para manter a maturação integral dos grãos, bem como sua qualidade.

A colheita se encaminha para os últimos talhões. No geral, o rendimento médio da cultura teve redução em relação às estimativas iniciais e em comparação à temporada passada, sendo justificado principalmente pelo excesso de chuvas entre março e abril. A condição acabou por afetar a produtividade, tendo em vista que a variedade se mostra intolerante



Foto 2 - Feijão-caupi 2ª safra - maturação - Itiquira-MT

Fonte: Conab.

ao excesso pluviométrico, nesse caso refletiu negativamente no pleno desenvolvimento do vegetal.

Goiás: a sega foi concluída, e o resultado final se colocou ligeiramente superior ao obtido no ano passado, mesmo com leve queda no potencial produtivo por conta de estresse hídrico na parte derradeira do ciclo. A área plantada apresentou incremento e isso foi preponderante para essa variação positiva na produção total.

Bahia: o cenário de limitação pluviométrica ainda persiste e preocupa os produtores quanto ao resultado final da safra. Embora a cultura tenha maior rusticidade e tolerância ao deficit hídrico, a manutenção dessa condição durante as fases críticas pode afetar o potencial produtivo da cultura, e a estimativa atual já indica redução no rendimento médio em comparação a 2022/23.

Um fator atenuante para o ciclo é a previsão de aumento de área plantada em relação ao ano passado, principalmente pelas melhores condições de mercado para a cultura nesse período.

Atualmente, as lavouras estão em fase de maturação e colheita, tendo mais de um terço da área total colhida. A perspectiva é que as operações de sega se intensifiquem e sejam concluídas ainda em julho.

Pernambuco: a safra está chegando às fases derradeiras, com as operações de colheita se encaminhando para o fim. Embora o ciclo tenha apresentado uma importante redução de área plantada em comparação a 2023, principalmente por questões de mercado (rentabilidade do produto frente à outras culturas), as condições edafoclimáticas foram favoráveis na maior parte do tempo, algo que refletiu em um incremento na produtividade média, também em relação à temporada anterior, atenuando as reduções associadas à diminuição de área no resultado final esperado.

Tocantins: as operações de campo avançaram bastante no último mês. Nas áreas de manejo em sequeiro, o ciclo já está bem mais adiantado, por conta do seu plantio mais precoce. Ali, as lavouras seguem em maturação e colheita, apresentando boa qualidade nos grãos obtidos, mas certa redução no potencial produtivo em razão das oscilações climáticas, principalmente no aspecto pluviométrico, com períodos críticos de escassez de chuvas.

Já nas regiões de várzeas, que concentram o cultivo do feijão irrigado, o plantio foi finalizado, e as lavouras seguem em estádios vegetativos, apresentando bom desenvolvimento geral e condições fitossanitárias satisfatórias. Vale destacar o incremento de área nessas lavouras irrigadas, motivado, principalmente, pela substituição de áreas que seriam para a soja irrigada e que acabaram destinadas ao cultivo de feijão devido às reduções nos níveis








de água nos rios e reservatórios, levando muitos produtores optarem por uma cultura de ciclo mais curto e de menor demanda hídrica para não correr o risco de sofrer com a falta de aporte até o final da safra.

Maranhão: com uma janela de plantio bastante extensa, observou-se no último mês a finalização da semeadura nas áreas derradeiras e, simultaneamente, a intensificação das operações de colheita nas lavouras de plantio mais precoce. Aliás, essas áreas em sega se concentram mais ao sul do estado e vêm apresentando bons resultados iniciais no que diz respeito ao rendimento e qualidade dos grãos obtidos, gerando melhores expectativas para o potencial produtivo da cultura como um todo.

Piauí: as condições climáticas são fatores preponderantes na decisão de plantio das culturas de segunda safra no estado. A ocorrência de chuvas no período nem sempre é característico, tendo anos com médias importantes e outros com completa escassez. Para esse ciclo o cenário se mostrou instável no início da safra, com precipitações irregulares, mas que ainda assim fizeram os produtores optarem pelo cultivo do feijão-caupi em detrimento de outras culturas, como o milho, principalmente em razão da boa demanda pelo produto, pelas condições de mercado favoráveis à leguminosa neste momento e também pela sua maior tolerância às restrições hídricas. Assim, houve estímulo para o plantio da cultura, apresentando expressivo crescimento na área semeada em comparação à temporada passada e ao divulgado em levantamentos anteriores.











As lavouras seguem apresentando bom desenvolvimento, algo que reflete nas estimativas de rendimento médio, que estão superiores às divulgadas no boletim anterior e também em comparação ao resultado da temporada passada.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	3,05			S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	0,53			S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,75			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C
	Noroeste Cearense	2,10		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
CE	Norte Cearense	1,29		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	2,66		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,81		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Sul Cearense	1,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Potiguar	0,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Sertão Paraibano	0,85		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Agreste Paraibano	0,97		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PE	Sertão Pernambucano	1,57		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Agreste Pernambucano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	7,04		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Nordeste Mato-grossense	0,73		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,31		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,87			S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C
GO	Leste Goiano	1,18		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,85		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
MG	Norte de Minas	0,83		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,02		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,53		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
MG	Oeste de Minas	1,35		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	2,23		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Campo das Vertentes	2,27		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	0,79		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
SP	Bauru	0,68		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
	Assis	0,56		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
	Itapetininga	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,58	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,55	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	7,34	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,45	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Paranaense	13,91	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	10,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	6,24	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	1,37	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,48	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	3,15	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	577,8	1.062	613,8
2018/19	581,0	1.253	728,0
2019/20	588,8	1.481	872,1
2020/21	567,8	1.373	779,6
2021/22	530,6	1.333	707,2
2022/23	516,0	1.559	804,4
2023/24	jun./24	493,0	1.580
	jul./24	484,9	1.626

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Bahia: as precipitações ocorridas na região nordeste do estado, onde se

concentra o cultivo de feijão terceira safra, entre o final de maio e início de junho foram bastante favoráveis à cultura, tanto pelo volume como pela regularidade e distribuição dessas chuvas. Esse cenário propiciou a conclusão da semeadura e o desenvolvimento inicial das lavouras, que atualmente estão em fase vegetativa e em floração, apresentando boas condições gerais e poucos registros de danos fitossanitários em decorrência do ataque de mosca-branca.

Com o plantio executado houve a confirmação da expressiva redução na área plantada em relação a 2022/23, principalmente por fatores como menor perspectiva de rentabilidade no mercado do grão, dificuldade do manejo em relação ao milho, falta de mão de obra para colheita, além de perigos fitossanitários relacionados à infestação de mosca-branca e antracnose.

Mato Grosso: o manejo da cultura é irrigado e, mesmo com uma janela de plantio considerada tradicionalmente mais tardia, sua semeadura já se aproxima da conclusão, apontando incremento na área plantada em comparação ao total semeado em 2022/23.

As lavouras implantadas vêm apresentando bom desenvolvimento inicial, favorecendo-se do elevado nível tecnológico empregado nesse cultivo. Além disso, as condições climáticas, especificamente no aspecto de temperaturas,



Foto 3 - Feijão cores 3ª safra - desenvolvimento vegetativo - Cláudia-MT

Fonte: Conab.

Foto 4 - Feijão cores 3ª safra - desenvolvimento vegetativo - Ipiranga do Norte-MT



Fonte: Conab.

têm sido propícias a essa fase vegetativa, com temperaturas diurnas mais elevadas, porém com noites mais amenas. Já no quesito precipitação, há escassez de chuvas em muitas localidades, sendo fundamental o suporte da irrigação para manter o desenvolvimento das lavouras e atender às demandas hídricas da cultura nessa etapa do ciclo.

Pernambuco: as precipitações têm ocorrido com melhor regularidade e distribuição ao longo do ciclo no Agreste do estado, algo que auxiliou não

Foto 5 - Feijão cores 3ª safra - desenvolvimento vegetativo - Caetés-PE



Fonte: Conab.

só na implantação das lavouras como também no bom desenvolvimento delas até aqui.

Nesse cenário benéfico à cultura, as projeções sobre o rendimento médio dos grãos já refletem essa condição, prevendo incremento em comparação ao resultado obtido na temporada anterior.

Minas Gerais: a semeadura vai se encaminhando para a conclusão, mesmo depois do atraso das operações, principalmente no noroeste do estado, que é a principal região produtora da cultura no período, por conta da estratégia fitossanitária de esperar uma redução na temperatura média local para diminuir a pressão de mosca-branca.

As lavouras já implantadas se encontram em boas condições, até o momento, se favorecendo do uso suplementar de irrigação, já que a maior parte dos reservatórios se encontram abastecidos, apesar de estar um pouco abaixo dos níveis normais.

Goiás: a semeadura foi finalizada, com destaque pra o avanço nas áreas cultivadas ao leste do estado, por conta da necessidade de concluso do plantio em 30 de junho, por conta das especificações de vazio sanitário para muitos municípios da região. De maneira geral, houve leve redução na área total cultivada em comparação a 2022/23, mas mantendo uma destinação considerável para a cultura, que é integralmente manejada sob irrigação.

As temperaturas noturnas mais baixas, atreladas a dias ensolarados vêm favorecendo o desenvolvimento vegetativo das lavouras. Soma-se a isso uma boa condição fitossanitária, com pequena pressão de pragas e doenças, até o momento.

Houve início da colheita, com concentração dessas primeiras segas no oeste do estado, região do Vale do Araguaia. A estimativa de potencial produtivo se mantém elevada.

Alagoas: a ocorrência de chuvas tem sido mais frequente e melhor distribuída nas regiões do Agreste e na Zona da Mata alagoana. No entanto, é no Sertão do estado que o cultivo deste tipo de feijão se apresenta em maior volume. Na referida região, as chuvas também estão ocorrendo, porém em menor volume, mas não inviabilizam o desenvolvimento inicial das lavouras.

As operações de semeadura foram concluídas (área plantada demonstrou pequena redução em relação ao mês passado e à safra passada), e as lavouras seguem em fases vegetativas e início de reprodução, apresentando boas condições gerais. E neste levantamento foi constatado que grande parte da lavoura encontra-se com 85% de desenvolvimento vegetativo e 10% em floração e sem incidência de pragas.

São Paulo: o plantio avançou bem e já se encontra finalizado. O manejo sob irrigação tem auxiliado a germinação e o desenvolvimento vegetativo inicial das lavouras, mesmo nas condições de escassez pluviométrica. Houve confirmação das estimativas recentes, que apontavam redução na área plantada em comparação ao ano passado, especialmente por questões de mercado, envolvendo preços e rentabilidade na comercialização do grão.

FEIJÃO-COMUM PRETO



Foto 6 - Feijão-preto 3ª safra - desenvolvimento vegetativo - São João-PE

Fonte: Conab.

Pernambuco: as precipitações têm ocorrido com melhor regularidade e distribuição que no ciclo passado, favorecendo a semeadura da cultura, que já está finalizada.

De maneira geral, as lavouras apresentam bom desenvolvimento e ótimas condições fitossanitárias, até o momento.

FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: as lavouras estabelecidas se encontram entre as fases de desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, mostrando ótima vitalidade. As boas condições das lavouras, somadas às positivas perspectivas climáticas apontam para um importante incremento no rendimento médio em relação à safra passada e também em comparação às estimativas dos levantamentos anteriores.

Bahia: o clima foi mais favorável à cultura, principalmente a partir do fim de maio, com chuvas volumosas e de melhor distribuição no nordeste do estado. Assim, houve conclusão da semeadura e bom desenvolvimento inicial das lavouras.














Alagoas: a regularidade das chuvas é fator importante nesse período de implantação e desenvolvimento inicial das lavouras.

O cultivo se concentra nas regiões do Agreste e do Sertão alagoano e ali o cenário climático tem sido favorável à cultura, até o momento.

A estimativa de área plantada sofreu redução em relação às previsões anteriores por conta de ajustes no acompanhamento da safra e por questões de planejamento nas unidades sucroalcooleiras, já que muitas dessas áreas estão ligadas à renovação de áreas de cana-de-açúcar.

As operações de semeadura ainda estão em andamento, e as lavouras já implantadas vêm apresentando bom desenvolvimento, até o momento.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2023/24					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	2,82	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	3,23	S/E	E/DV	E/DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	17,47			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C
	Sudeste Mato-grossense	1,44			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C
GO**	Noroeste Goiano	5,80	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	1,76	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	9,83	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	7,92	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	1,54	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
MG**	Noroeste de Minas	17,37	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,32	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2023/24					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
SP**	Ribeirão Preto	1,77			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C
	Bauru	6,08			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C
	Campinas	1,10			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C
	Itapetininga	9,94			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

O décimo levantamento de campo indica que as adversidades climáticas, estiagem/excesso de chuva, e a mosca-branca reduziram significativamente o volume estimado de produção na segunda safra, quando comparada com os dados da pesquisa anterior. O feijão cores recuou 7,6% ou 42,2 mil toneladas, e o feijão-preto 9,4% ou 55,4 mil toneladas. Em relação ao ano passado, o preto ainda mostra um aumento de 201,7 mil toneladas na produção, e o cores recua 61,1 mil toneladas.

No mercado atacadista de cereais de São Paulo, a entrada regular do produto e a ausência de mercadoria de qualidade limitaram o número de compradores, registrando-se poucas negociações. A maior parte da mercadoria ofertada foi constituída de lotes com grãos mais escuros, nota 7,5 para baixo, miúdos, com elevado grau de umidade, manchas etc., e com baixo interesse de compra pelos empacotadores. A disparidade de valores continua significativa, variando de R\$ 170 a R\$ 340 a saca, dependendo da qualidade e da região de cultivo, pois a maioria das ofertas procede de Minas Gerais e do Paraná, prejudicada pelo clima adverso.

A segunda safra está praticamente concluída, e a terceira safra começou sua colheita no final de junho, em algumas localidades de Minas Gerais e Goiás,

mas o volume colhido ainda é pouco e está sendo utilizado nos referidos estados. Trata-se de uma safra plantada no Centro-Oeste e Sudeste, sob pivôs. Já na Região Nordeste, a cultura é conduzida em regime de sequeiro e altamente suscetível à quebra por falta de chuva.

A região nordeste da Bahia é um forte polo produtor, representando, junto com Alagoas, Sergipe e Pernambuco, aproximadamente 20% da produção prevista para a safra de inverno. Normalmente, as lavouras são prejudicadas pelo clima, mas, até o momento, são beneficiadas com chuvas normais e bem distribuídas.

Com isso, os empacotadores estão postergando suas compras e aguardando o aumento na oferta devido à necessidade de reposição de uma mercadoria mais nova, clara e de boa aparência na embalagem, para atender aos consumidores mais exigentes. No entanto, não é de se esperar quedas tão bruscas devido ao controle da venda por parte dos produtores/corretores e ao apertado quadro de oferta.

Embora a pesquisa da Conab sinalize um quadro razoável de abastecimento, as condições climáticas em julho serão de suma importância para as culturas conduzidas no regime de sequeiro, uma vez que no referido mês grande parte das lavouras entra no estágio de floração, período muito exigente em água.

Doravante, para uma melhor avaliação quanto à formação do preço, a atenção estará voltada para o clima na região nordeste da Bahia, bem como do volume a ser colhido nas áreas irrigadas.

FEIJÃO-COMUM PRETO

As transações para esta variedade geralmente ocorrem com base em

amostras, no entorno do Brás, e pelos principais compradores diretamente das lavouras.

O feijão-preto registrou na segunda, e praticamente a última safra, um excedente de 201,7 mil toneladas, no entanto conseguiu manter os preços elevados no “pico” da colheita, em maio, graças a uma demanda internacional atípica, no referido período, cuja exportação atingiu um volume histórico.

A partir da última semana de junho, o mercado praticamente travou, e os preços estão passando por uma forte pressão baixista e quem precisar vender provavelmente vai ter que conceder descontos.

Com a finalização da segunda safra no Sul do país o mercado vai passar por um período de entressafra até dezembro deste ano, ficando na dependência entre os estoques paranaense e o argentino.

Em decorrência do expressivo volume colhido na segunda safra ou safra da seca, a importação deve cair pela metade do previsto inicialmente, e parte do excedente ainda pode ser exportado.

SUPRIMENTO

Para a temporada 2023/24, prevê-se o seguinte: a produção da primeira e segunda safras, apurada no levantamento de campo, realizado em junho de 2024, mais as previsões para a terceira safra, chega em um volume médio de produção estimado em 3,3 milhões de toneladas, 7,6% acima da safra anterior.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2023, foram importadas 69 mil toneladas, isto é, 7,1 mil toneladas a menos que os números registrados no mesmo período de 2022. Já as exportações atingiram, no mesmo período, 139 mil toneladas, 2,9 mil toneladas acima

das 136,1 mil toneladas registradas no ano anterior. Mato Grosso é o maior exportador de feijão, com 55% dos embarques realizados. A Índia comprou 41%, Egito, com 11%, e Vietnã, com 10%.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 325 mil toneladas, o consumo em 2,85 milhões de toneladas, as importações em 50 mil toneladas e as exportações de 150 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 642,6 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2017/18	322,8	3.116,1	81,1	3.520,0	3.050,0	162,7	307,3	
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7	
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7	
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1	
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3	
2022/23	208,3	3.036,7	69,0	3.314,0	2.850,0	139,0	325,0	
2023/24	jun/24	325,0	3.331,3	50,0	3.706,3	2.850,0	150,0	706,3
	jul/24	325,0	3.267,6	50,0	3.642,6	2.850,0	150,0	642,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

20.862,8 mil ha

-6,3%

PRODUTIVIDADE

5.553 kg/ha

-6,2%

PRODUÇÃO

115.858,9 mil t

-12,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	5.082,1	5.275	26.810,7
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	jun./24	4.029,9	23.624,4
	jul./24	4.006,0	23.442,5

Fonte: Conab.

A colheita do cereal alcançou 93,6% da área semeada no final de junho e deve ser finalizada no final de julho. Na maioria dos estados houve redução da produtividade em relação à safra passada devido às instabilidades climáticas. Uma das exceções foi o Rio Grande do Sul, apresentando uma recuperação na produtividade significativa, que infelizmente foi reduzida devido aos extremos climáticos ocorridos no estado no final do ciclo da cultura.

Nesta safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 4.006 mil hectares, 9,9% inferior ao registrado na safra passada. A produção esperada é de 23.442,5 mil toneladas, 14,7% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a colheita teve evolução de cinco pontos percentuais, chegando a 98% em junho. Os resultados das últimas lavouras colhidas foram impactados pelas fortes chuvas ocorridas desde o final de abril. As lavouras que ainda não foram colhidas, 2%, estão em maturação e apresentam baixo potencial produtivo, condição considerada normal para lavouras cultivadas mais tarde. A maior parte das áreas colhidas em junho eram do Planalto Superior, região onde a operação é feita após a finalização da colheita da soja. Também houve avanço na Região Sul, Campanha e Depressão Central, onde as lavouras são, majoritariamente, de agricultores familiares, que realizam a operação de forma escalonada e, em alguns casos, de forma manual. Houve relatos de grãos ardidos e mofados. Nas demais regiões do estado a colheita está finalizada. Com a consolidação dos dados das regiões onde a colheita está finalizada e a mensuração das perdas em regiões importantes, como o Planalto Superior, houve nova redução da produtividade em relação ao levantamento anterior, resultando na projeção de 5.952 kg/ha.

Minas Gerais: a colheita já está finalizada no estado. Com as adversidades climáticas ocorridas desde o início do ciclo, que ocasionaram alongamento do período de plantio, com replantio fora da janela ideal e abandono de áreas em casos extremos, as lavouras de milho verão apresentam números finais aquém do esperado. Nesta safra, a produtividade foi estimada em 5.702 kg/ha, uma redução de 13,5% em relação à safra passada.

Goiás: a colheita foi encerrada no estado, com uma produtividade obtida, de modo geral, satisfatória, devido ao bom regime hídrico e à baixa pressão de pragas e doenças. A produtividade estimada foi de 9.506 kg/ha. As condições em junho continuaram ideais para a baixa de umidade dos grãos na lavoura, acelerando o processo de secagem natural. Poucas áreas remanescentes foram colhidas em junho. Durante o ciclo das lavouras, as precipitações ocorridas em fevereiro e março foram benéficas para a cultura. Apenas algumas localidades do leste do estado, onde as chuvas foram irregulares, causaram diminuição de produtividade.













Maranhão: a colheita foi iniciada no final de abril e vai se estender até agosto de 2024. Em junho ela alcançou 60% da área semeada do estado. As demais lavouras encontram-se no estágio de maturação, em boas condições gerais. Nos Gerais de Balsas, onde a colheita iniciou no final de abril, cerca de 80% da área está colhida. No Oeste do estado ela foi iniciada em junho, devendo ser finalizada em agosto. Para a safra 2023/24, a área de plantio da primeira safra foi de 290,3 mil hectares, com redução de 4,8% em comparação à safra anterior, principalmente em virtude da substituição de área de milho para plantio de soja, no sul do estado e dos baixos preços praticados na presente safra.

Bahia: nos últimos 30 dias não houve registro de chuvas significativas nas regiões produtoras de milho primeira safra. A falta de chuva e alta luminosidade favorecem a maturação e colheita das lavouras, que apresentam qualidade regular e rendimento menor em comparação à safra passada. O plantio fora da janela ideal, o atraso da chuva e incidência de pragas limitaram o desenvolvimento das lavouras.

Piauí: nesta safra a semeadura iniciou com atraso em relação à anterior e confirmando as estimativas iniciais de redução de área. Embora tenha se

verificado o atraso na semeadura, sobretudo na região norte do estado e deficit hídrico em algumas áreas no estabelecimento da cultura, as lavouras desenvolveram-se em boas condições e rendimentos semelhantes à última safra. A colheita foi iniciada no final de abril e continua avançando, restando apenas pequenas áreas de agricultura familiar no centro-norte do estado.











QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	1,28					S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C			
TO	Ocidental do Tocantins	0,87				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Oriental do Tocantins	0,84				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
MA	Oeste Maranhense	1,29					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,68				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	7,57				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,89				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,91				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano	0,82					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Leste Goiano	1,70				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Sul Goiano	3,13				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
DF	Distrito Federal	0,48				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Norte de Minas	0,74			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	8,02			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Oeste de Minas	1,72			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes	2,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata	0,60			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto	0,82			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	1,17			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,77			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,14			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Continua

Legenda – Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Norte Pioneiro Paranaense	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense	2,62		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	0,66		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,22		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,74		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	2,03		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	4,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,53		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense	0,67		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	6,85	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense	1,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,46	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,07		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	0,81		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,83		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.179,6	5.948	102.179,0
2023/24	jun./24	16.152,7	88.116,1
	jul./24	16.199,0	90.007,1

Fonte: Conab.

A colheita da segunda safra de milho avança em todos os estados produtores e alcançava 48% da área semeada no início de julho. Os resultados alcançados mostram a disparidade das condições climáticas ocorridas nas diversas Unidades da Federação.

Em Mato Grosso, Pará, Tocantins e parte de Goiás, as precipitações bem distribuídas ao longo do desenvolvimento da cultura têm resultado em boas produtividades nos talhões colhidos. Oposto a essa situação, a irregularidade ou falta de precipitações durante o desenvolvimento da cultura, prejudicaram o potencial produtivo do cereal, principalmente no noroeste do Paraná, São Paulo e em grande parte das áreas cultivadas no Mato Grosso do Sul.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 16.199 mil hectares, 5,8% inferior ao registrado na última safra. A produção esperada é de 90.007,4 mil toneladas, 12,1% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita do milho manteve o ritmo acelerado de junho. Várias regiões produtoras devem praticamente finalizar os trabalhos na primeira quinzena de julho. Em relação ao rendimento, os números são animadores, e o estado deve fechar a produtividade com excelente rendimento. Quanto à qualidade, os grãos têm apresentado condições dentro do padrão comercial.



Foto 8 - Milho 2ª safra - maturação - Cornélio Procópio-PR

Fonte: Conab.

Paraná: nesta safra ocorreu redução da área de cultivo em virtude, principalmente dos baixos preços deste cereal. Ocorreram deficit hídricos em diversos municípios localizados no extremo-oeste e nas porções noroeste e norte deste estado, que, somados às altas temperaturas, provocaram perdas do potencial produtivo em muitas lavouras. A cultura segue com condições variadas de clima, sendo mais afetada na metade norte do estado. Além do clima, a influência de pragas e doenças, como bacteriose e cigarrinha, também foram fatores decisivos na redução de produtividade. Já foi colhida 42% da área total, restando 7% em enchimento de grãos, nas lavouras mais tardias, e 51% em maturação.



Foto 08 - Milho 2ª safra - maturação - Cornélio Procópio-PR

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: o comportamento climático do período foi caracterizado por restrições hídricas e altas temperaturas. A última precipitação significativa ocorreu no dia 24 de maio, e ainda assim não atingiu todo o estado. A falta de precipitações, principalmente na região sul, prejudicou ainda mais o potencial produtivo nas lavouras. A cultura encontra-se nas fases de maturação e colheita, sendo que nos municípios localizados na região sul-fronteira apresentam operações de colheita mais adiantadas.

Goiás: a colheita avançou na região sul, e grande parte da colheita está sendo acondicionada em silos-bolsa. Foi observado lavouras que foram afetadas pela seca em diferentes estágios de enchimento de grãos, gerando espigas de diferentes tamanhos e peso. O ciclo foi antecipado em grande parte do estado devido ao corte das chuvas a partir da segunda quinzena de abril. Aqueles produtores que semearam no início da janela ideal conseguiram melhores resultados em suas lavouras. O fato é que, os produtores estão colhendo produto com boa qualidade, porém com baixo peso específico.

O sudoeste goiano, que é a maior região produtora do estado, a colheita está mais adiantada em relação aos demais, com 25% de área trilhada, até o final de junho.

As produtividades levantadas variaram conforme a região visitada, apresentando valores entre 4.500 kg/ha e 8.000 kg/ha.

Distrito Federal: as lavouras de segunda safra estão em início de colheita, com 15% delas já retiradas do campo, e a produtividade média está estimada em 6.100 kg/ha.

Minas Gerais: com uma colheita que atingiu aproximadamente 10% da área de milho segunda safra no estado à época deste levantamento, a produção do cereal está mais palpável, podendo estimar melhor as consequências das adversidades climáticas e das pressões fitossanitárias enfrentadas pelas lavouras de milho safrinha ao longo de todo o ciclo. Em boa parte das áreas cultivadas com o cereal, devido à elevada pressão da cigarrinha, foram realizadas várias pulverizações visando o controle dos vetores, visto que na maioria dos casos os produtores não lograram êxito. Logo, em consequência do agravamento do enfezamento, o grão colhido está mais leve, contribuindo para rendimentos abaixo dos estimados inicialmente. Salientamos que parte das lavouras com danos graves devido ao enfezamento foram ensiladas. Outras doenças também agravaram a produtividade do cereal, tais como a bipolares e o aumento da incidência de fusariose. Na primeira, o enchimento de grãos foi comprometido, uma vez que a secagem da planta ocorreu de maneira acelerada. Já a segunda, foi beneficiada pela elevada umidade registrada em março e pelas altas temperaturas, uma vez que nos estádios mais avançados maximizou o tombamento de plantas que já havíamos relatado devido ao porte elevado das primeiras lavouras. Para finalizar, as elevadas temperaturas e a menor

disponibilidade hídrica agravaram ainda mais as perdas.

São Paulo: o milho segunda safra apresenta colheita de 25% da área semeada, e a produtividade, até o momento, indica uma quebra em torno de 18%, estimada em 4.512 kg/ha.

Bahia: nos últimos 30 dias não houve registro de chuva e sua falta, aliada às altas temperaturas, limitaram o desenvolvimento da cultura. As lavouras apresentam-se em fase de maturação forçada devido ao deficit hídrico e colheita. A falta de chuvas limitou o potencial produtivo.

Maranhão: em junho foi iniciada a colheita das lavouras de milho safrinha nos Gerais de Balsas, atingindo 18% da área de cultivo. As demais lavouras apresentam-se nos estádios de enchimento de grãos e maturação. Para a presente safra, a área estimada ficou em 260,6 mil hectares, com redução de 14,3% em relação à safra anterior em razão do atraso do início das chuvas para o plantio da soja e da consequente saída da janela ideal de plantio da segunda safra de milho. Algumas áreas foram substituídas pelas culturas de feijão-caupi, sorgo e milheto. A produtividade estimada é de 4.824 kg/ha, 7,2% menor que a alcançada na safra anterior em razão de grande parte do plantio ser realizado fora da janela ideal e da redução das chuvas entre março e maio, que prejudicou as lavouras que encontravam-se em desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos.

Pernambuco: as lavouras de milho segunda safra apresentam majoritariamente bom desenvolvimento, favorecidas pelas chuvas regulares, e encontram-se em fase de maturação e início de colheita.

Ceará: a cultura apresenta bom desenvolvimento, favorecida pela regularidade das precipitações, com a ocorrência de pragas isoladas em

algumas regiões.

Piauí: o plantio foi iniciado no final de fevereiro e finalizado no início de abril, confirmando uma redução significativa de área em relação às estimativas iniciais. Boa parte das lavouras se estabeleceu em boas condições, favorecida pelos níveis adequados de umidade do solo em grande parte da região produtora. Apesar de condições meteorológicas favoráveis na implantação da cultura, houve nesta safra um problema sério de ataque de lagartas, com registro de alta infestação em muitas áreas e muita dificuldade de controle do inseto, situação que impactou no custo de produção da cultura. A maioria das lavouras encontram-se em maturação, e a colheita já foi iniciada, com estimativa de redução da produtividade devido ao déficit hídrico ocorrido durante o enchimento de grãos, haja vista não ter se registrado chuvas a partir de maio.












Tocantins: a colheita avança em todas as regiões do estado, com boas produtividades sendo obtidas nas áreas semeadas durante fevereiro.

Pará: o milho segunda safra teve boa expansão de área no estado, principalmente nas regiões de Santarém e Redenção. O crescimento registrado, até o momento, em relação à safra 2022/23, é de 19,8%. As primeiras lavouras foram plantadas na região intermediária de Redenção, região que detém quase 40% das áreas. A colheita nesta região já iniciou, com boas produtividades sendo obtidas nas primeiras áreas, assim como na porção sul da BR-163. Nas regiões de Paragominas e Tailândia, a colheita não foi iniciada, e as lavouras já são impactadas pela redução das precipitações. Na região intermediária de Santarém ainda ocorrem precipitações, beneficiando as lavouras implantadas, e a colheita ocorrerá a partir de julho.












Rondônia: na região mais ao sul, a colheita avança em 50% das áreas. No centro-norte ela também já foi iniciada, e as produtividades obtidas têm

refletido as boas condições climáticas ocorridas durante o ciclo da cultura.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Excesso de Chuva
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,44		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Sudeste Paraense	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,86	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,75		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
CE	Sertões Cearenses	0,25		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense	32,46	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Nordeste Mato-grossense	6,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,74	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro-Sul Mato-grossense	0,56	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	5,66	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	3,09	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
GO	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	10,92	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	0,30	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	0,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Sul Goiano	9,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Noroeste de Minas	0,76		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	M/C	C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,39		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Bauru	0,28		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
SP	Assis	1,14		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,86		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C

Continua

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PR	Noroeste Paranaense	0,90		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense	2,57	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Norte Central Paranaense	3,42		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	5,22	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,81	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	0,29	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	511,0	2.385	1.218,7
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	632,5	3.406	2.154,4
2023/24	Jun./24	655,0	2.403,9
	Jul./24	657,8	2.409,2

Fonte: Conab.

O plantio da terceira safra de milho foi finalizado em todas as regiões produtoras. O clima está favorável ao estabelecimento e desenvolvimento das lavouras, com a ocorrência de precipitações bem distribuídas na maioria das áreas.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 657,8 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Bahia: as precipitações ocorridas no final de maio e início de junho, na região nordeste do estado, foram bastante favoráveis tanto pelo volume como pela regularidade e distribuição nos campos produtivos, com alternância de dias ensolarados. As lavouras apresentam-se nas fases de desenvolvimento vegetativo, floração e uma pequena parte em enchimento de grãos.

Alagoas: o volume de chuvas nas regiões Agreste e Bacia Leiteira tem sido favorável ao semeio desde o início de abril, com adequada distribuição em sua ocorrência. Quanto à região do Médio e do Alto Sertão, as chuvas regulares tiveram seu início nos primeiros dias de maio. De modo geral, o clima está adequado ao desenvolvimento da cultura em todo o estado, e a maioria das áreas encontra-se em desenvolvimento vegetativo e uma pequena parcela em florescimento.



Foto 9 - Milho 3ª safra - desenvolvimento vegetativo - Campo Alegre-AL

Fonte: Conab.

Sergipe: o plantio de milho foi encerrado, e a previsão é de manutenção da área plantada na última safra. As boas precipitações ocorridas têm favorecido o desenvolvimento da cultura em todo o estado.

Pernambuco: as lavouras encontram-se majoritariamente em desenvolvimento vegetativo e na fase reprodutiva, e as precipitações têm ocorrido com melhor regularidade e distribuição que no ciclo passado, favorecendo o desenvolvimento da cultura.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2023/2024									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
RR	Norte de Roraima	4,77		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C		
PE	Sertão Pernambucano	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C		
	Agreste Pernambucano	1,03	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C		
AL	Sertão Alagoano	0,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Alagoano	1,13	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Leste Alagoano	1,01	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SE	Sertão Sergipano	21,54	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Agreste Sergipano	16,02	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
BA	Leste Sergipano	3,05	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Extremo Oeste Baiano	1,75		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C		
	Nordeste Baiano	47,35	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano	0,36	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2023/24, a Conab prevê uma produção total de 115,9 milhões de toneladas de milho, um decréscimo esperado de 12,2%, comparada à safra anterior. Essa redução na produção total é resultado do encolhimento da área de milho, com destaque à queda na segunda safra, em conjunto com uma menor produtividade projetada em campo. Cabe destacar que a Conab projeta um decréscimo de 6,3% na área plantada e de 6,2% da produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia acredita que 84,3 milhões de toneladas de milho da safra 2023/24 deverão ser consumidos internamente ao longo de 2024, ou seja, um aumento de 5,9% comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, a Conab projeta uma expansão do volume de importação total para a safra 2023/24, projetada em 2,5 milhões de toneladas do grão, em razão da perspectiva da menor produção nacional. Para as exportações, com a esperada menor oferta nacional, a Conab estima que 33,5 milhões de toneladas sairão do país via portos, sendo este volume 38,7% inferior ao estimado para a safra 2022/23. Nesta conjuntura, acredita-se que a redução da produção brasileira, somada à maior oferta disponível no mercado internacional, em meio às boas safras norte-americana e argentina, deverá reduzir o volume de exportações brasileiras do grão em 2024. Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2025, ou seja, ao fim do ano-safra 2023/24, deverá ser de 7,7 milhões de toneladas, sendo este montante 8,5% superior ao da safra 2022/23.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	15.739,4	80.709,5	900,7	97.349,6	59.048,4	23.742,2	14.558,9
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.598,9	54.634,4	7.068,4
2023/24	jun/24	7.068,4	114.144,3	2.500,0	123.712,7	84.146,5	6.066,2
	jul/24	7.068,4	115.858,9	2.500,0	125.427,3	84.256,6	7.670,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2024.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

46.020,2 mil ha

+4,4%

PRODUTIVIDADE

3.202 kg/ha

- 8,7%

PRODUÇÃO

147.336,6 mil t

-4,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	35.149,2	3.507	123.258,9
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1
2019/20	36.949,7	3.379	124.844,8
2020/21	39.531,2	3.526	139.385,3
2021/22	41.492,0	3.026	125.549,8
2022/23	44.080,1	3.507	154.609,5
2023/24	jun./24	45.978,0	147.353,5
	jul./24	46.020,2	147.336,6

Fonte: Conab.

A colheita da safra de verão de soja foi finalizada no país. Ainda ocorrem cultivos em Tocantins, para a produção de sementes, e em Alagoas e Roraima devido ao regime de chuvas diferenciado nesses dois estados.

Os resultados obtidos, até este levantamento, indicam uma produção total de 147.336,6 mil toneladas, 4,7% inferior ao obtido na safra 2022/23, a maior já colhida no Brasil.

Apesar das adversidades climáticas ocorridas na maioria das regiões, os resultados ainda podem ser considerados satisfatórios diante dos extremos climáticos que acometeram diversos estados produtores em diferentes estádios de desenvolvimento da cultura, mostrando a capacidade técnica dos produtores nacionais de estarem preparados para diversas situações de cultivo.

Neste levantamento, a área semeada com a oleaginosa foi estimada em 46.020,2 mil hectares, e uma produtividade média, que agora está estimada em 3.202 kg/ha, influenciada pelos impactos das volumosas precipitações ocorridas no Rio Grande do Sul.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a safra da cultura está 100% encerrada. A produção do estado foi uma das maiores da história, mas os agricultores enfrentaram diversas adversidades climáticas ao longo do ciclo da cultura. Agronomicamente, as perdas foram decorrentes principalmente em razão do atraso da semeadura, impossibilidade de realização dos tratamentos culturais no período recomendado, perdas de nutrientes por erosão e lixiviação, período de estiagem no enchimento de grãos e da incidência de ferrugem. Por fim, no momento da colheita, enxurradas, alagamentos e excesso de umidade impediram as operações ou reduziram a qualidade e quantidade colhida.

Em junho, no Alto Uruguai e Missões, a colheita das áreas semeadas tardiamente, safrinha, foi finalizada. Os resultados produtivos são menores que as primeiras estimativas, em razão da estiagem em janeiro e das chuvas constantes e volumosas ocorrida durante o final do ciclo, mantendo a produtividade média regional em 3.107 kg/ha. As últimas áreas colhidas apresentaram redução expressiva na qualidade dos grãos, devido às chuvas

que impediram a entrada das máquinas colhedoras quando o grão já estava maduro. Tecnicamente, a colheita está encerrada do estado.

Na região sul do estado, aproximadamente 11% da área semeada não foi colhida. Estas áreas estão localizadas principalmente nas várzeas, onde é feita a rotação de culturas com o arroz. Os grãos colhidos nas últimas lavouras estavam com umidade entre 25% e 36% e muitos mofados, germinados e podres. Os descontos por impurezas e grãos avariados destas cargas chegou a 85%. A maioria dos cerealistas não está mais recebendo soja na região. A produtividade referência da região é de 1.495 kg/ha.

No Planalto Médio, a colheita estava mais adiantada antes da ocorrência das chuvas fortes, e as produtividades médias obtidas nesta região são as melhores do estado, ultrapassando os 3.600 kg/ha. A consolidação dos dados oriundos do campo aponta para um ajuste na produtividade média da cultura para 2.905 kg/ha, redução de 3% em relação ao levantamento anterior e de 12% em relação ao projetado inicialmente.

Maranhão: a colheita foi iniciada em janeiro de 2024, e finalizada em meados de junho, na totalidade da área de cultivo do estado.

Na região sul maranhense, a colheita das últimas áreas produtivas ocorreu em maio de 2024. Nessa região, houve considerável expansão de área de plantio de soja, em substituição, principalmente, da área de milho primeira safra. Houve redução na produtividade da cultura dessa região, em relação ao ano anterior, pela falta de chuvas no início da implantação das lavouras. Nas regiões oeste e centro maranhense, a colheita foi iniciada em abril e finalizada em junho. Apesar do atraso na semeadura, devido à irregularidade climática após o início do plantio, as lavouras alcançaram ótimos resultados.

No leste maranhense, a operação da colheita foi iniciada no final de abril e finalizada em meados de junho. Mesmo com dificuldades na implantação da cultura e do excesso de chuvas no início da colheita, a produtividade média ficou dentro das estimativas iniciais. Para a safra 2023/24, a área estimada de plantio de soja do Maranhão foi de 1.329,7 mil hectares, com ampliação significativa em relação à safra anterior, devido às expansões de área em todas as regiões produtoras do estado. No presente levantamento, identificamos aumento de área de plantio no município de Codó, no leste maranhense.

Alagoas: o cultivo da cultura no estado teve início em março, com uma previsão de área de 6,2 mil hectares, dos quais 90% encontram-se em desenvolvimento vegetativo e 10% em floração. Vale ressaltar que as lavouras semeadas encontram-se em bom estado vegetativo, e a previsão de colheita está prevista para agosto e setembro de 2024.



Foto 10 - Soja - floração - Junqueiro-AL











Fonte: Conab.

Tocantins: a colheita da primeira safra de soja foi finalizada, e o plantio da segunda safra, destinado exclusivamente à produção de sementes, foi encerrado nas regiões de várzea do estado, principalmente em Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia. As lavouras já entraram nas fases reprodutivas e apresentam bom desenvolvimento.













Pará: neste levantamento houve um novo acréscimo de áreas nos municípios de Breu Branco e Goianésia, na região intermediária de Marabá. A colheita foi finalizada no estado.

Roraima: o plantio está prestes a ser finalizado, e as precipitações regulares favorecem o desenvolvimento da cultura.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica																				
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024																	
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI									
RO	Leste Rondoniense	1,18		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
PA	Sudeste Paraense	1,65		S/E	E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	C								
TO	Ocidental do Tocantins	1,71		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C								
	Oriental do Tocantins	1,43		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C								
MA	Sul Maranhense	1,85		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C								
PI	Sudoeste Piauiense	2,48			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C								
BA	Extremo Oeste Baiano	5,01			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C								
MT	Norte Mato-grossense	19,20	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C											
	Nordeste Mato-grossense	6,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Sudoeste Mato-grossense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Sudeste Mato-grossense	4,65	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,53	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
GO	Noroeste Goiano	0,68		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Norte Goiano	0,60		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Centro Goiano	0,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Leste Goiano	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Sul Goiano	8,74		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C											

Continua

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
MG	Noroeste de Minas	1,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	0,84		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	1,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,92	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	1,99		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,51		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,55		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	1,19	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,00		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	SC	Oeste Catarinense	0,76		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C
RS	Noroeste Rio-grandense	3,33		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,78		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	1,18		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,92		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima uma expansão de área plantada de soja, com uma significativa redução de produtividade (-8,7%), na comparação da safra atual com a passada. Por este motivo a produção de grãos de soja para a safra de 2023/24, estimada em 147,34 milhões de toneladas, tem redução de 7,3 milhões de toneladas, entre safras. Em meio à menor disponibilidade do grão internamente, as exportações são projetadas em 92,43 milhões de toneladas, sendo este volume menor que o identificado em 2023.

Ademais, é importante pontuar que neste levantamento houve manutenção

dos números de esmagamentos e nos quadros de oferta de óleo de soja e farelo de soja.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2022/23	5.962,1	154.609,5	181,0	160.752,6	55.591,7	101.862,6	3.298,2
	2023/24	3.298,2	147.336,6	800,0	151.434,8	55.959,5	92.434,4	3.040,9
FARELO	2022/23	1.385,5	40.758,5	0,1	42.144,1	17.800,0	22.473,5	1.870,6
	2023/24	1.870,6	40.192,8	1,0	42.064,5	18.000,0	20.000,0	4.064,5
ÓLEO	2022/23	508,1	10.509,3	21,4	11.038,8	8.395,0	2.332,6	311,2
	2023/24	311,2	10.602,4	50,0	10.963,6	9.262,0	1.400,0	301,6

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em julho/2024.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.069,9 mil ha

-11,6%

PRODUTIVIDADE

2.917 kg/ha

+25,1%

PRODUÇÃO

8.955,8 mil t

+10,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017	1.916,00	2.225	4.263,50
2018	2.042,40	2.657	5.427,60
2019	2.040,50	2.526	5.154,70
2020	2.341,50	2.663	6.234,60
2021	2.739,30	2.803	7.679,40
2022	3.086,20	3.420	10.554,40
2023	3.473,40	2.331	8.096,80
2024	Jun./24	3.078,40	9.065,30
	Jul./24	3.069,90	8.955,80

Fonte: Conab.

Com o aproximar do final da semeadura nacional, o maior produtor de trigo, Rio Grande do Sul, ultrapassa mais da metade da área tritícola do estado, enquanto no Paraná restam poucas lavouras a serem semeadas. Em relação à safra passada, há continuação da previsão de aumento de produção na safra atual de trigo, entretanto cabe ressaltar a quebra de safra dos estados do Sul no último período. Em contrapartida, a produtividade e a área, em relação ao levantamento passado, reduziram, diminuindo a produção nacional para 8.955,8 mil toneladas.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: após o atraso inicial da semeadura da cultura em razão do excesso de chuvas, as condições meteorológicas em junho propiciaram pequenos intervalos, onde a semeadura era possível. Os agricultores se valeram do seu maquinário dimensionado para o cultivo de soja em área cinco vezes superior e conseguiram evoluir significativamente a operação durante estas janelas, caminhando para a finalização durante julho.

A região Alto e Médio Vale do Uruguai é a mais adiantada na operação, mas ainda restam mais de 15% da área para ser semeada, e os produtores devem concentrar seus esforços nos últimos dias de junho e início de julho para não perderem o período ideal de semeadura.

Na Fronteira Oeste, Missões e Planalto Médio, a operação também está adiantada e já ultrapassou três quartos da área prevista.

Na Campanha, Sul e Planalto Superior, a semeadura ainda está no início, com menos de um terço da área prevista semeada, mas com boa janela de semeadura antes do encerramento da janela do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC).

Embora as condições meteorológicas tenham permitido o avanço da semeadura, elas não propiciaram condição totalmente favorável à realização do preparo das áreas ao bom estabelecimento inicial das lavouras.

Há perdas de solo, sementes e fertilizantes por erosão, falhas no estande de plantas pela não germinação das sementes, ataques pontuais de pragas e plantas amareladas pela falta de radiação solar e lixiviação dos nutrientes. De toda forma, as perdas são consideradas pontuais ou passíveis de controle e/ou compensação, caso as condições meteorológicas melhorem.

Diante do exposto e por restar mais de um terço da área para ser semeada no estado, mantemos a expectativa estatística de produtividade em relação ao levantamento passado.

O avanço da semeadura mostra que as previsões de redução da área cultivada no estado, em relação à safra passada, eram assertivas. A escassez de sementes em quantidade e qualidade, a alta suscetibilidade da cultura às perdas decorrentes de geadas e chuvas, a falta de um seguro agrícola adequado e a baixa rentabilidade da cultura (custo de produção alto e preço recebido baixo) são apontados como principais motivadores da redução, além da frustração da safra anterior.

Paraná: apesar do clima mais seco, as chuvas que ocorreram em junho foram suficientes para a implantação de quase todas as lavouras, restando as regiões do leste, sul e sudoeste paranaense a plantar.

As culturas plantadas cedo, principalmente no oeste e norte paranaense, estão sofrendo com a falta de chuvas, clima mais quente e baixa disponibilidade de água no solo. Esta situação prejudicou a emergência e desenvolvimento das plântulas, afetando assim a regularidade dos plantios, estandes e até mesmo a decisão de plantio.

É importante destacar que as chuvas, apesar de escassas, quando ocorrem nos momentos mais sensíveis da cultura (germinação, floração e enchimento de grãos) permitem uma situação melhor para a produção. No entanto, como já destacado, em algumas regiões, principalmente no norte e oeste paranaense, a falta de umidade no plantio já causa danos por acontecerem em período de plantio.

A área de trigo foi reduzida em relação à safra passada, essa diminuição é em virtude de muitos produtores, de diversas regiões, terem frustrações de

produtividade e qualidade nas suas lavouras no ciclo passado, bem como dos atuais preços estarem a descontento dos produtores, assim, culminando em um menor interesse de cultivo dessa gramínea.

As lavouras estão nas fases de emergência, desenvolvimento vegetativo, a maior parte, e floração. As condições das lavouras estão distribuídas entre boas, 67%, médias, 24% e ruins, 9%, praticamente em razão das condições climáticas adversas, alguma ocorrência de doenças e uso de menor tecnologia.



Foto 11 - Trigo - enchimento de grãos - Cornélio Procópio-PR

Fonte: Conab.

São Paulo: as temperaturas continuam elevadas, e o cereal não se adapta a estas condições. O trigo necessita de temperaturas mais amenas para cumprir todo o seu ciclo.

As altas temperaturas e a falta de chuva pressionam a produtividade, entretanto se mantém em relação ao levantamento passado e com pequena variação positiva em relação à safra passada.

As lavouras estão todas semeadas, com as mais recentes em emergência. Entretanto, a fase predominante é o enchimento de grãos.

Santa Catarina: para o novo ano agrícola das culturas de inverno que se inicia, os prognósticos climáticos apontam para condições favoráveis ao desenvolvimento da cultura, favorecendo a expressão do potencial produtivo das plantas e representando aumento em relação à safra anterior.

O incremento esperado na produtividade, assim como na produção, decorre do fato que a safra de inverno passada foi marcada pelo excesso de chuvas na época de colheita, fator que prejudicou fortemente a qualidade do produto colhido, comprometendo a produtividade média e a rentabilidade das lavouras.

Os trabalhos de semeadura nas áreas de trigo começam a se intensificar no Planalto Norte. As áreas de trigo, na sua maioria, são cultivadas em propriedades que dispõem de maior parque de máquinas à disposição para as operações, aumentando o rendimento de trabalho a ser realizado. Em Campo Belo do Sul e Lages no Planalto Sul, o plantio ocorre em julho.

As lavouras implantadas se encontram nos estágios iniciais de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentando bom desempenho. Na região do meio-oeste, a maioria das lavouras estão recém-plantadas, entretanto o plantio será intensificado e concentrado em julho, haja vista as precipitações ocorridas na última semana de junho, que forneceram as condições mais propícias. Existem algumas lavouras na região plantadas em abril e que já se encontram em pleno perfilhamento. No entanto, pode

se tratar de trigo duplo propósito e vai depender das condições de clima e desenvolvimento das plantas para definir sua utilização final.

Os produtores têm utilizado cultivares super-precoces, cultivares de 115 dias. É uma tendência, entretanto a experiência tem demonstrado que estas cultivares em condições de clima mais chuvoso na fase de maturação têm germinado com frequência nas espigas e são mais suscetíveis à giberela e brusone. Os produtores do extremo- oeste aproveitaram o tempo bom na primeira semana de junho para intensificar a semeadura do cereal, que deve se estender até final de julho.

As lavouras semeadas desenvolvem-se normalmente, apresentando bom estande de plantas e fitossanidade. As lavouras implantadas mais precocemente iniciaram a fase de perfilhamento e recebem tratamentos culturais, incluindo o controle de plantas invasoras e a adubação nitrogenada em cobertura. Ventos moderados, associados ao tempo mais seco, reduziram a umidade na superfície do solo em áreas sem cobertura vegetal, dificultando a uniformidade na deposição das sementes e, conseqüentemente, condicionando a uma semeadura irregular. De maneira geral, as áreas inicialmente implantadas apresentam bom estabelecimento e desenvolvimento vegetativo satisfatório. Em termos de manejo sanitário, a prioridade é o controle de plantas invasoras. Para isso, os produtores têm utilizado combinações de herbicidas pré e pós-emergentes.

A tendência é de redução na área, comparativamente à safra anterior, em razão dos preços do cereal e da frustração de produtividade na última safra.

Minas Gerais: a semeadura do trigo sequeiro iniciou no final da primeira quinzena de março, mês com umidade e temperaturas elevadas, condições que favoreceram a brusone. Devido à logística de plantio daqueles produtores maiores, a semeadura foi antecipada. De fato, a

brusone exerceu grande pressão em parte das lavouras mais antigas, reduzindo drasticamente o potencial dessas áreas. Com o início da colheita das áreas de sequeiro há casos mais severos de brusone e houve redução da produtividade programada.

As temperaturas acima da média para o período prejudicaram o desenvolvimento, principalmente nas lavouras de sequeiro, uma vez que além do estande reduzido, tivemos também perfilhamento do trigo bem abaixo da normalidade, em parte significativa das lavouras. Outro fator baixista é o pequeno tamanho das espigas nas lavouras mais tardias. As lavouras de trigo sequeiro que já foram colhidas e que não foram afetadas pela brusone, também apresentam baixas produtividades.

Sendo assim, a produtividade média do trigo sequeiro foi corrigida a menor em relação ao levantamento passado.

Já no tocante à área, também tivemos correções a menor nas lavouras de sequeiro. As adversidades climáticas à época da semeadura culminaram em declínio de parte das áreas mais tardias. Nota-se em áreas que tradicionalmente cultivaram o trigo em anos anteriores, plantios de cobertura e até mesmo o solo em pousio.

Nas áreas de sequeiro, além da baixa produção estimada, temos um trigo de baixa qualidade, até o momento, com PH que não atinge os parâmetros mínimos, visto que nos casos mais extremos, parte do trigo que chega aos moinhos está sendo direcionada para fábricas de ração animal, por falta de qualidade.

Por outro lado, as áreas irrigadas apresentam bom desenvolvimento e segue-se com uma produção praticamente constante.

Distrito Federal: as lavouras se encontram em estádios de maturação. A área total foi acrescida em relação à safra passada. O crescimento ocorre, sobretudo, na modalidade sequeiro, que sai dos 2.250 hectares cultivados na safra anterior para os atuais 5.000 hectares. Na modalidade irrigada foram semeados 2.000 hectares ante os 1.150 hectares plantados na safra anterior.

Assim, ponderando a duas modalidades de cultivo, a área total semeada com o cereal na safra atual foi maior em relação à safra passada, porém a produtividade foi menor na mesma comparação, mesmo assim a produção prevista é maior.

Goiás: a semeadura do trigo irrigado está encerrada com algumas lavouras na fase de formação de panículas. Alguns problemas pontuais com brusone e temperatura elevada, porém, de forma geral, as lavouras seguem em bom desenvolvimento. As primeiras áreas com colheitas pontuais são previstas para final de julho, com pico de colheita entre agosto e setembro.

As lavouras de sequeiro estão com mais da metade da área colhida, com rendimentos variáveis, conjunturando em uma variação negativa em relação à safra e ao levantamento passado. Os fatores que influenciaram negativamente à cultura de sequeiro foram o excesso de chuvas na fase inicial, que causaram aparecimento de doenças fúngicas, estresse hídrico na fase de enchimento de grãos e as temperaturas altas no período noturno.

Mato Grosso do Sul: a cultura tem apresentando maiores problemas devido às instabilidades climáticas por falta de chuvas e temperaturas elevadas. A última precipitação, registrada no dia 24 de maio, não foi o suficiente para manter um padrão de desenvolvimento e perfilhamento esperados pelos produtores. Nesse sentido, a falta de recursos hídricos e temperaturas

amenas comprometeram grande parte das regiões produtoras do cereal.









Por conta das intempéries climáticas, muitos produtores deixaram de realizar tratos culturais nas lavouras do cereal por conta da baixa expectativa de produtividade, com vários casos apresentando inviabilidade financeira de colheita.

Há muita variabilidade nos estádios de desenvolvimento das lavouras devido às diferentes épocas de plantio e das instabilidades climáticas nas regiões produtoras. Nesse contexto, grande parte das lavouras se encontram com plantas mal desenvolvidas e algumas já abandonadas.

Bahia: a totalidade da área de plantio do cereal é irrigada. A falta de chuva e alta luminosidade favorecem o desenvolvimento das lavouras irrigadas de trigo, que está se encaminhando para a floração.


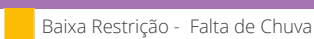

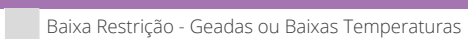


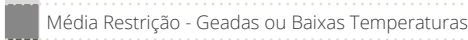



As lavouras apresentam ótima qualidade, beneficiada pela alta luminosidade e à ocorrência de noites frias. Não há relatos de perdas pelo ataque de pragas e doenças. Assim, a produção se mantém constante em relação ao levantamento passado, porém reduzida em relação à safra passada devido à redução de área.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2024									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,49	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
GO	Leste Goiano	0,60	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				

Continua

Legenda – Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2024									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
MG	Noroeste de Minas	0,55	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,40	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Campo das Vertentes	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C				
SP	Bauru	0,83	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C				
	Itapetininga	3,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	2,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
	Norte Central Paranaense	5,37	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	4,20	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Centro Oriental Paranaense	5,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste Paranaense	4,01	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	5,46		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	4,64			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
	Sudeste Paranaense	1,69			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
	Metropolitana de Curitiba	0,86			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
	SC	Oeste Catarinense	2,41		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
Norte Catarinense		0,68		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
Serrana		1,05		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	38,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	2,35			S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,86		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,17		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	4,09		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,83		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em junho de 2024, o mercado doméstico se encontrava com restrita oferta interna, necessitando complementar a demanda interna com aquisições externas, visto que no mês foram adquiridas 604,6 mil toneladas de trigo. As atenções dos produtores estavam todas voltadas para o clima em diversas regiões produtoras do país. No Paraná, a média mensal foi cotada a R\$ 75,72 a saca de 60 quilos, apresentando valorização mensal de 7,3%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 68,02 a saca de 60 quilos, com valorização

de 6,55%.

No mercado internacional, a boa evolução da colheita de inverno no Hemisfério Norte e as boas condições da safra de primavera nos Estados Unidos, bem como o dólar valorizado em relação às demais moedas, a queda do preço do trigo russo e a melhora climática na região do Mar Negro, pressionaram as cotações, que teve como média mensal US\$ 268,29 a tonelada, com desvalorização de 7,75%.

Para a safra 2024/25, que inicia em agosto de 2024 e encerra em julho de 2025, a Conab revisou os números referentes à área, produtividade e produção da safra 2024. A estimativa é que sejam plantados 3.069,9 mil hectares (-11,6%), com produtividade de 2.917 kg/ha (25,1%) e colhidos 8.955,8 mil toneladas (+10,6%). Além dessas alterações, foi ajustado o volume estimativo a ser importado na safra atual, que passou de 6.600 mil toneladas para 5.800 mil toneladas, e os quantitativos de consumo interno (moagem industrial) das safras 2021/22, 2022/23, 2023/24 e 2024/25, utilizando como parâmetros os estoques de trigo levantados pelo IBGE, em conjunto com saldos da balança comercial e com o histórico de produção nacional do grão.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.360,8	582,9	2.609,9	
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4	
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7	
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.045,9	922,5	
2022*	922,5	10.554,4	4.514,2	15.991,1	11.894,1	2.656,6	1.440,4	
2023*	1.440,4	8.096,8	5.800,0	15.337,2	11.943,6	2.800,0	593,6	
2024**	jun/24	93,6	9.065,3	6.000,0	15.158,9	12.493,1	2.000,0	665,8
	jul/24	593,6	8.955,8	6.000,0	15.549,4	11.892,0	2.000,0	1.657,4

Legenda: (*) Estimativa (**) Previsão.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: a cultura do amendoim apresenta certa resistência e adaptação às temperaturas mais elevadas, porém a irregularidade das chuvas no período do enchimento de grãos causou algumas perdas irreversíveis na região localizada ao leste do estado.

As poucas áreas que restavam na região leste do estado foram finalizadas, encerrando assim mais uma safra de amendoim. A cultura apresentou algumas perdas devido ao estresse climatológico, e mesmo com esses contratempos, proporcionou uma produtividade considerável aos produtores.

O cenário positivo do amendoim, mesmo com algumas produtividades abaixo do esperado, tem apresentado preços atrativos no mercado. Diante disso, as importações globais do produto estão crescendo a cada ano, e a tendência é continuar ganhando mais espaço e aumentar a participação no mercado internacional.

Ceará: a cultura se desenvolve normalmente e espera-se uma melhora no rendimento em relação à safra anterior, por conta dos fatores climáticos.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2023/2024						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	3,59	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,25	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,33	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	11,72	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Marília	24,03	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	16,70	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	15,50	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	10,99	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

GERGELIM

Pará: a área de gergelim está crescendo 19% nesta safra em área em relação à safra passada. As lavouras estão indo muito bem no que se refere ao seu desenvolvimento, mas a preocupação é com o encerramento das janelas de chuvas sem que estas lavouras estejam em fase de colheita, na maior parte das áreas produtoras.



Foto 12 - Gergelim - floração - Paragominas-PA

Fonte: Conab.

Mato Grosso: a ausência sazonal de chuvas está sendo benéfica para prover a plena maturação do gergelim ainda no campo e favorecer a intensificação da colheita.

A colheita do gergelim está bem avançada. A atividade tende a manter o compasso ou mesmo aumentar conforme um maior número de lavouras entram no ponto de colheita, mais precisamente no decorrer de julho. Por ora, o rendimento e a qualidade estão de acordo com as expectativas iniciais.

Na atual temporada, a grande oferta de gergelim tem se consolidado por conta da forte elevação de área plantada em Mato Grosso, que superou 400 mil hectares. O gergelim substituiu, principalmente, o milho na segunda safra, e sua semeadura não se limita apenas à região do Vale do Araguaia,

mas se estende por todo o estado, ainda que a maior parte de fato esteja concentrada na região mencionada.

A oferta elevada faz com que os preços cedam um pouco. Calcula-se que a negociação seja de aproximadamente 75% da produção e essas 25% remanescentes tem sido negociado a menores valores, tendo caráter de volume excedente ao inicialmente projetado.

A produção é destinada, majoritariamente, ao mercado externo.



Foto 13 - Gergelim - colheita - Canarana-MT

Fonte: Conab.

GIRASSOL

Goiás: a colheita de teve início na região sul do estado de forma antecipada em virtude de um plantio também antecipado. Em torno de 30% já foram colhidos, e os rendimentos variam de lavoura para lavoura. O restante encontra-se em maturação.

Os capítulos encheram grãos com a umidade remanescente do solo, apenas aquelas lavouras semeadas mais cedo conseguiram uma ideal formação de

grãos com bom peso específico.

As produtividades médias tiveram uma redução explicada, principalmente, pela escassez de chuvas, e por mais que as plantas desenvolvessem um sistema radicular mais profundo, não conseguiram expressar sua potencialidade ao máximo.

Mato Grosso: a falta de chuvas em junho tem sido vantajosa por permitir a maturação integral do girassol, bem como a intensificação da colheita.

Os roçados de girassol seguem em plena maturação e parte já está sendo colhida. A produtividade dos primeiros talhões está em linha com as estimativas preliminares, mantendo boa qualidade dos grãos.

O Girassol tem perdido espaço a cada ano em Mato Grosso, diante da concorrência com culturas mais rentáveis como o algodão e o gergelim e, em outras temporadas, o milho segunda safra.

Um ponto interessante tem sido a desconcentração da produção a outras partes do estado, como a região de Primavera do Leste, que tem sua produção destinada a Goiás. Antes restrita à região de Campo Novo do Parecis, as indústrias desta região têm demonstrado menor interesse no girassol e reduzido suas compras, o que resultou na queda na área nos últimos anos.

Ainda assim, destaca-se que a área é bastante limitada em âmbito estadual e apenas 6 mil hectares foram semeados.

Mato Grosso do Sul: o clima no município onde está situado o campo de produção de girassol caracterizou-se por ocorrência de chuvas frequentes, alta umidade e baixa luminosidade na maior parte de abril.

Em decorrência do comportamento climatológico, ocorreu alta incidência de podridão-branca (*Sclerotinia sclerotiorum*) no início do período reprodutivo, reduzindo drasticamente a capacidade produtiva da lavoura.

Distrito Federal: as lavouras se encontram em pleno estágio de maturação, apresentando bons níveis de sanidade.

A área ficou definida em 700 hectares, semelhante à cultivada no ciclo 2022/23, com produtividade média estimada em 2.112 kg/há, resultando em uma produção de 1.478 toneladas.

A produção local é totalmente destinada ao comércio local, onde é utilizada para alimentação de aves ornamentais e animais de estimação.

MAMONA

Bahia: a expansão do cultivo se deu sobre áreas inicialmente destinadas ao cultivo de feijão e milho, que, por conta do risco climático, não foram implantadas.

A redução da produtividade, nesta safra, deve-se aos fatores climáticos, sendo possível destacar dois aspectos específicos: as altas temperaturas no último trimestre de 2023, que prejudicaram as lavouras de segundo ciclo, tanto as de manejo de sequeiro quanto as de manejo irrigado, e o atraso na regularização das chuvas, que retardou o plantio das lavouras de primeiro ciclo e a recuperação das lavouras de segundo ciclo.

Nos últimos 30 dias houve registro de poucas chuvas na porção oeste da região e chuvas significativas na porção leste, atípico para esta época.

Neste contexto, a microrregião de Seabra, Itaberaba, Jacobina e Senhor do Bonfim, apresentam melhor qualidade para as lavouras de mamona. Nas microrregiões de Irecê e Juazeiro foi observado o fim da estação chuvosa, e as lavouras de mamona estão submetidas ao estresse hídrico.

Durante o levantamento, observou-se dois cenários em relação à situação hídrica da cultura. A microrregião de Irecê, que detém 60% do cultivo da mamona, está em quadro de restrição hídrica (fim da estação chuvosa), limitando a emissão de novas flores nas lavouras de sequeiro, mas beneficiando as lavouras irrigadas devido à alta luminosidade. As demais microrregiões produtoras, que detêm 40% do cultivo, registraram prolongamento da estação chuvosa, gerando melhores condições para as lavouras e prolongando o ciclo produtivo, de colheita, devido à emissão de novos cachos.

Apesar de apresentar bom desenvolvimento, as lavouras têm menor potencial produtivo que as lavouras da safra passada.

SORGO

Mato Grosso: a colheita segue em bom ritmo no estado, e a produtividade do cereal se mantém dentro da estimativa inicial, influenciada pelas condições climáticas favoráveis na fase de desenvolvimento das plantas. A colheita dos roçados deve durar até o final de julho.

Mato Grosso do Sul: a cultura encontra-se em condições razoáveis, principalmente se comparada com a cultura do milho, em virtude da maior resistência ao estresse hídrico. Apesar da rusticidade dessa cultura, o potencial produtivo foi afetado, e as produtividades estimadas são

inferiores às expectativas iniciais. Diante disso, houve redução da tecnologia empregada, com desistência de aplicação de fungicidas, mas o clima seco também desfavoreceu o aparecimento de doenças em patamar de dano



Foto 14 - Sorgo - maturação - Ipiranga do Norte-MT

Fonte: Conab.

econômico. No entanto, houve ataques de pulgão em algumas lavouras, e tal situação fez com que produtores recorressem ao uso de inseticidas, que apresentaram baixa eficiência de controle devido ao tempo seco, necessitando reaplicações em curtos intervalos.

Goiás: a colheita iniciou no final de junho e, com base nas lavouras observadas, a tendência é que a produtividade seja afetada devido às restrições hídricas ocorridas durante o desenvolvimento da cultura.

Algumas lavouras foram atingidas por ataque severo do pulgão amarelo e, de uma forma geral, a panícula não se desenvolveu de forma ideal, ficando abaixo do esperado. Cerca de 60% das áreas estão na fase de maturação e as demais áreas em diferentes graus de enchimento de grãos.

Minas Gerais: março, quando tradicionalmente temos a maior parte do sorgo semeado no estado, foi afetado por precipitações abundantes,

atrasando o plantio do cereal e, nos casos mais extremos, estendendo para fora da janela ideal. Já a partir de abril, as chuvas praticamente cessaram. Logo, apenas a diminuta parte das lavouras que foi semeada em fevereiro apresenta melhor potencial produtivo. Mesmo com uma colheita incipiente, em aproximadamente 2% das áreas houve consequências negativas devido aos problemas fitossanitários, como o pulgão, assim, as adversidades climáticas estão mais visíveis. Apesar da maior rusticidade em relação à seca, quando comparado ao milho, já podemos observar cachos menores e maior percentual de grãos chochos.

São Paulo: a escassez e a distribuição irregular das precipitações afetaram o desenvolvimento da cultura na maior parte do ciclo desta, comprometendo o potencial produtivo do cereal.

Bahia: a colheita segue em andamento, atingindo 40% da área cultivada. Os grãos colhidos são de boa qualidade, mas a produtividade é inferior à safra passada devido à falta de chuvas na fase de enchimento dos grãos.

Maranhão: o cultivo de sorgo em segunda safra, na região sul do estado, ocorre após a colheita da soja. Na presente safra, o plantio ocorreu em março, e a colheita deve ocorrer entre julho e agosto.

Piauí: o cereal teve sua semeadura iniciada no final de março, e a colheita iniciada no final em junho. As lavouras se estabeleceram em boas condições, na sua maioria.

Nesta safra, em virtude, principalmente, de condições climáticas críticas para o cultivo do milho, registrou-se um aumento significativo de área, 46% em relação à safra anterior.

Apesar das condições climáticas terem se apresentado favoráveis na implantação e estabelecimento da cultura, há registro sério de ataques de lagartas, com alta infestação e difícil controle, afetando o potencial produtivo da cultura.

Tocantins: nos últimos 30 dias o acumulado de chuvas ficou entre 20 mm e 30 mm, em todo o estado. Para as lavouras semeadas em fevereiro e início de março, é esperado um bom rendimento. As lavouras estão em estágio de maturação, e a colheita será iniciada no final de junho.











Pará: houve um aumento expressivo do cultivo do cereal nesta safra devido, principalmente, às baixas cotações do milho. Os municípios de Santana do Araguaia e Santa Maria das Barreiras, na região intermediária de Redenção, foram as localidades com maior expansão. A cultura apresentou desenvolvimento satisfatório durante boa parte do ciclo, e a colheita terá seu início em julho.



Foto 15 - Sorgo - floração - Paragominas-PA

Fonte: Conab.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2023/2024							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	1,99		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	2,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,61		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	3,66	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	6,05		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,97		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,14		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense	1,33		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense	2,84		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano	1,26		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	5,27		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano	28,34		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas	4,09		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	17,52		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C
	Araçatuba	2,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Bauru	1,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga	2,87		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	1,35		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: apesar do atraso de semeadura, os produtores de aveia do Rio Grande do Sul concentraram seus esforços nas pequenas janelas em que as condições do solo permitiam o plantio e evoluíram significativamente durante o período. A área semeada variou de menos de 1% para 81%, neste mês. As lavouras ainda estão nas fases iniciais de desenvolvimento: 32% em emergência e 68% em desenvolvimento vegetativo.

No Alto Uruguai e Missões, a operação já foi encerrada. As lavouras se encontram predominantemente em desenvolvimento vegetativo, e as condições são consideradas boas. Nesta região, os produtores devem iniciar os tratos culturais nas próximas semanas. No Planalto Médio, a semeadura já ultrapassou os 80% da área prevista. Muitas áreas ainda estão em emergência, por terem sido semeadas na metade final de junho. Há relatos de falhas no estande de plantas, ataques de pragas e plantas amareladas, pela falta de radiação solar. No quadrante nordeste a semeadura é mais tardia, mas já está próxima da metade. Nesta região a semeadura é realizada mais tarde, especialmente no Planalto Superior, onde há maior risco de geadas tardias. A operação deve evoluir significativamente nas próximas semanas. De forma geral, permanece a expectativa de uma safra dentro da normalidade.

Apesar da redução significativa da área de trigo, principal concorrente da cultura, o aumento da área de aveia-branca não ocorreu pelo aumento do

custo da semente e pela escassa oferta de sementes de qualidade, e sim do resultado da péssima safra de 2022/23.

Paraná: a semeadura prosseguiu e se encontra praticamente no seu final, em 98,3% no momento do levantamento, em fases de emergência, desenvolvimento vegetativo e floração. A metade norte do estado está com baixa disponibilidade de água no solo, resultando em condições adversas para a cultura. O clima seco e quente, aliado à ocorrência de emergência irregular das plantas devido ao selamento do solo, ocorrido em razão de chuvas fortes no plantio, são fatores determinantes na estimativa de redução de produtividade mais ao norte.

Há a estimativa de redução de área relação à última safra. Algumas regiões foram influenciadas pela falta e valor de sementes, não se descartando, também, o impacto do clima mais seco e quente na decisão de plantio da gramínea. No entanto, o decréscimo só não foi maior em virtude das regiões a leste do estado, que tiveram incremento de área devido à decisão dos produtores de variarem as culturas nos processos de rotação em suas lavouras, bem como a uma demanda maior por esse cereal pela indústria de alimentação animal.







Mato Grosso do Sul: a ocorrência de clima seco e dias quentes, ocorridos durante junho, acarretaram danos irreversíveis para o cultivo. Essa situação interferiu no crescimento e perfilhamento da cultura. Diante disso, muitos produtores avaliam abandonar as lavouras.

Deve-se considerar as lavouras que superaram intempéries como fonte de palhada para cobertura do solo ou até mesmo ração animal.

A comercialização do cereal, durante esse ano-safra, praticamente será

destinada para alimentação animal. Logo, o baixo potencial produtivo, devido às instabilidades climáticas, não irá oferecer grãos comerciais de qualidade para o consumo humano.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2024								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,27	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense	5,92		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PR	Oeste Paranaense	0,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,28	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	2,58	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paranaense	1,75			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	Noroeste Rio-grandense	53,06		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense	6,16			S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
RS	Centro Ocidental Rio-grandense	8,65		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,98		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	2,36		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandens	2,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: conforme o desdobramento da evolução da semeadura, que chega ao seu quinto final, projetamos um aumento da área cultivada para 129,8 mil hectares. O aumento se deve ao fato da cultura ser considerada uma ótima opção para a rotação de culturas no inverno, como reestruturante do solo, bem como os resultados satisfatórios das últimas safras.

As melhorias da tecnologia embarcada nos novos híbridos de canola estão favorecendo, principalmente, a colheita, aliada à liquidez do mercado, que se mostra mais favorável em relação a outras culturas de inverno. Vale salientar a diversidade de opções do uso do grão produzido, podendo ser usado na indústria alimentícia, de combustíveis e ser direcionado à exportação.

A semeadura da cultura chegou aos 85% da área estimada, restando apenas algumas áreas em regiões mais frias da Campanha, Sul e Planalto Superior. As lavouras se encontram, predominantemente, na fase de emergência/emissão das folhas cotiledonares em 70% e 30% já estão em pleno desenvolvimento vegetativo.

As chuvas constantes e volumosas, ocorridas na primeira metade do junho, acarretaram alguns problemas de implantação, além do atraso da semeadura em si, como erosão de solo, sementes e plântulas, lixiviação de nutrientes e falta de radiação solar para as plântulas. De forma geral, as lavouras apresentam desenvolvimento adequado, visto que a regularização das chuvas nas últimas duas semanas, e os produtores realizam os tratamentos culturais de controle de pragas e plantas invasoras. Pontualmente, há relato de presença de pulgões, e o controle químico é realizado, além disso, a queda nas temperaturas também tem papel ativo na redução de infestações. A partir do surgimento da quarta folha verdadeira, os produtores também realizam a aplicação de adubos nitrogenados.

Paraná: para este ciclo, a previsão é de aumento na área cultivada em relação a 2022/23. Esse aumento é devido a uma busca de opções por rotação de culturas. As condições climáticas para a região de produção desta oleaginosa foram favoráveis e permitindo a finalização da semeadura, sendo considerada, em sua maior parte, em boas condições.

CENTEIO

Paraná: parte das áreas já foram semeadas, e se encontram nos estágios de emergência e desenvolvimento vegetativo. As recentes chuvas, aliadas às menores temperaturas médias registradas recentemente, culmina num ambiente favorável ao desenvolvimento inicial desta cultura, que tem sua maior parte em condições boas.

A cultura tem a estimativa de área reduzida em relação à última safra, devido a relatos de falta de mercado para aquisição da produção.

CEVADA

Rio Grande do Sul: assim como ocorreu com as demais culturas de inverno, a semeadura da cultura iniciou mais tarde, quando comparada com as safras passadas. Não houve semeadura da cultura em maio. Entretanto, os agricultores aproveitaram suas máquinas e equipamentos (dimensionados para uma área de soja muito superior ao das culturas de inverno somadas) e as janelas de tempo seco, quando era possível realizar a semeadura, para dar andamento na implantação da cultura no estado.

A cevada possui a peculiaridade de ser cultivada majoritariamente numa das regiões mais frias do estado, Planalto Superior e leste do Planalto Médio. Nestas regiões, a semeadura se dá, tradicionalmente, mais tarde para diminuir o risco de perdas por geadas tardias. De forma geral, a operação já alcançou 62% e deve evoluir significativamente nas próximas semanas. As áreas estão nas fases iniciais de desenvolvimento: 39% ainda em emergência e 61% em desenvolvimento vegetativo, predominando lavouras com plantas com menos de três folhas.

Apesar das dificuldades para a realização da semeadura e as perdas

pontuais causadas por erosão dos solos e sulcos de semeadura, a falta de radiação solar para o desenvolvimento inicial e ataques pontuais de pragas e doenças, o estabelecimento inicial é considerado satisfatório. Diante desta condição e, por restar mais de um terço da área para ser semeada, mantemos a expectativa de produtividade.

A estimativa de área cultivada da cultura está mantida em 37 mil hectares, tal qual na safra 2022/23. Há um maior incentivo à produção de cevada cervejeira no Paraná, porém observa-se uma compensação pelo cultivo de cevada no Rio Grande do Sul em regiões menos tradicionais da cultura, visando a produção de grãos para produção de ração animal. Da mesma forma que para as demais culturas de inverno houve restrição da oferta de sementes de qualidade.

Paraná: cerca de 90% da área estimada está plantada, apresentando condições favoráveis para o seu desenvolvimento. Neste levantamento não foi previsto as regiões de produção ao norte do Paraná, em Apucarana e Jacarezinho, que tiveram forte influência das condições climáticas adversas, como o calor, seca e, conseqüente, menor disponibilidade de água no solo. O maior impacto das condições climáticas na cultura fica em Ponta Grossa e Guarapuava, que, juntas, têm 82% da área total do estado.

A cultura tem estimativa de 76,5 mil hectares, menor em 10,4% em relação à safra passada. A diminuição de área é devido às frustrações de produtividade e qualidade, no ciclo passado, principalmente nas proximidades de Guarapuava, culminando em um menor interesse de cultivo dessa gramínea naquela zona produtora. Já na região dos Campos Gerais paranaenses, devido à implantação de uma nova maltaria, ocorrerá aumento do cultivo dessa cultura.

TRITICALE

Paraná: o clima permitiu o avanço da semeadura, estimada, no momento do levantamento, em 77% da área total. O cultivo tem predominância na metade sul do estado, principalmente em Guarapuava, onde o clima, mais quente e seco, afetou as lavouras.

As frustrações da última safra, associadas aos atuais preços, influenciaram para a redução de área na temporada atual.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

